

Marcelo Jolkesky
(Universidade de Brasília)

Uma reconstrução do proto-mamoré-guaporé (família arawák)

ABSTRACT: This paper presents a phonological and lexical reconstruction of Proto-Mamore-Guapore (PMGU), a branch of the Arawak family, as well as a reassessment of its internal classification. In section 1 the languages that compose the aforementioned group are presented, including all the relevant aspects of their phonological structure for this study. Section 2 is a review of its internal classification. Section 3 consists of a reconstruction of phonological, morphological and lexical aspects of the PMGU. Section 4 provides an analysis of evolutionary reflexes inferred for each of the (proto)languages and a reassessment of the internal subgroup classification based on the concatenation of observed diachronic innovations is offered.

KEYWORDS: Arawak language family; Mamore-Guapore subgroup; Historical linguistics; Reconstruction.

RESUMO: Este artigo apresenta uma reconstrução fonológica e lexical do proto-mamoré-guaporé (PMGU), um dos ramos da família arawák, assim como uma reavaliação da sua classificação interna. Na seção 1 serão apresentadas as línguas que compõem o subgrupo em questão assim como os aspectos relevantes da estrutura fonológica destas línguas para este estudo. A seção 2 é um histórico da classificação interna do referido subgrupo. A seção 3 contém uma proposta de reconstrução de aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais do PMGU. A seção 4 oferece uma análise dos reflexos evolutivos inferidos para cada uma das (proto)línguas consideradas e uma reavaliação da classificação interna do referido subgrupo com base na concatenação das inovações diacrônicas observadas.¹

PALAVRAS-CHAVE: Família arawák; Subgrupo mamoré-guaporé; Linguística histórica; Reconstrução.

¹ Gostaria de expressar minha gratidão a Hildo Honório do Couto, Wilmar da Rocha D'Angelis, Flávia de Castro Alves e aos dois pareceristas anônimos pelas valiosas considerações e recomendações. Saliento aqui, contudo, que os eventuais erros e inconsistências por ventura existentes neste trabalho são de minha total responsabilidade.

1. Introdução²

O subgrupo mamoré-guaporé da família arawák é constituído ao menos por nove variedades originalmente faladas por populações distribuídas nas terras baixas do nordeste boliviano, ao longo das bacias dos rios Mamoré e Guaporé. Os integrantes identificados deste subgrupo estão nitidamente distribuídos em quatro divisões:

- (i) bauré: bauré (BAU), carmelito (CAR), joaquiniano (JOA), muxojeóne (MUX);
- (ii) moxeno: ignaciano (IGN), trinitário (TRI), loretoano (LOR) e javierano (JAV);
- (iii) paikonéka: paikonéka (PAI);
- (iv) paunáka: paunáka (PAU).

O presente estudo foi realizado levando em consideração as línguas BAU, JOA, MUX, IGN, TRI, PAI e PAU. Para este fim, foi utilizado material linguístico publicado, dados inéditos presentes em d'Orbigny (1879) e dados e manuscritos fornecidos gentilmente por Lena Terhart, Swintha Danielsen e Françoise Rose. As fontes utilizadas foram:

BAU d'Orbigny 1879, Adam & Leclerc 1880, Danielsen 2007, Danielsen s.d.b, Danielsen (c.p.).

IGN Marbán 1894, Ott & Ott 1983, Olza Zubiri *et alii* 2004, Jordá 2014.

JOA Danielsen s.d.a, Danielsen (c.p.).

MUX d'Orbigny 1879.

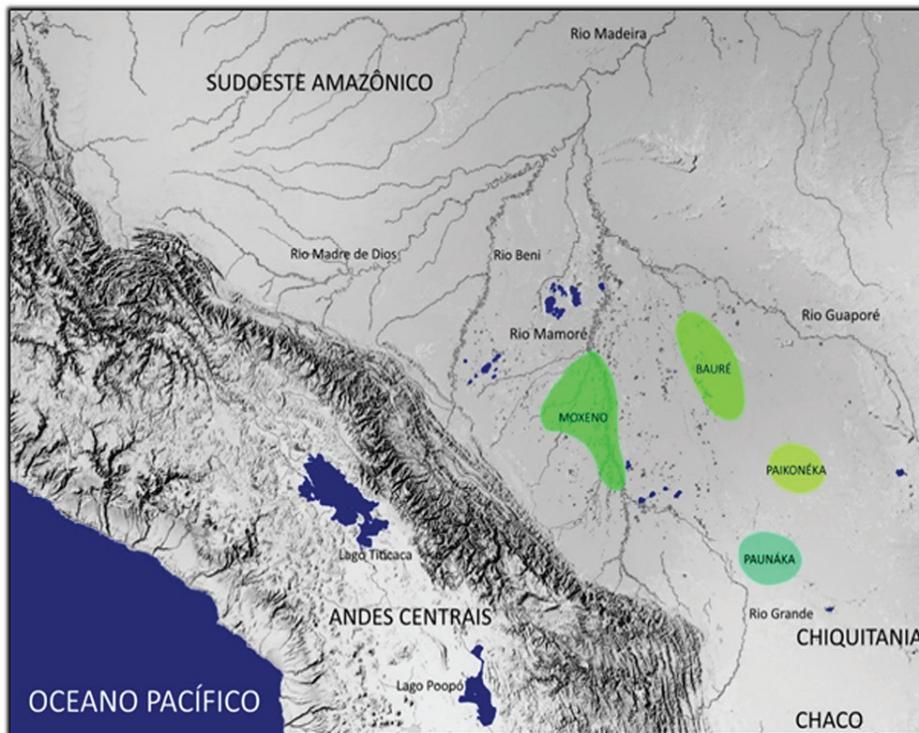
PAI d'Orbigny 1879, Cardus 1886.

PAU d'Orbigny 1879, Cardus 1886, Villafañe 2007, Danielsen & Terhart 2014, Terhart s.d., Terhart (c.p.).

TRI Marbán 1894, Gill 1993, Olza Zubiri *et alii* 2004, Rose 2014, Rose (c.p.).

Todos os dados foram fonemizados e uniformizados segundo as notações adotadas neste estudo. Dados de fontes antigas foram recorridos quando necessário para melhor detalhamento da evolução fonêmica das línguas em estudo. A análise procedeu tomando como ponto de partida os trabalhos já realizados sobre a fonologia e a gramática das línguas abordadas (Danielsen 2007; Villafañe 2007; Danielsen & Terhart 2014; Jordá 2014; Rose 2014) e tomou como base um *corpus* com aproximadamente 400 termos comparáveis entre elas. Os critérios para a identificação de cognatos são aqueles definidos pelo método comparativo, tendo como fundamentação principal a observação das correspondências fonológicas sistemáticas e da conformidade semântica dos termos comparados. O mapa a seguir indica os territórios originais das referidas línguas.

² As seguintes abreviaturas são utilizadas neste artigo: [±ant] ±anterior, [±arred] ±arredondado, [±cont] ±contínuo, [±cor] ±coronal, [±glot] ±glotal, [±lab] ±labial, [±nas] ±nasal, [±sib] ±sibilante, [±sil] ±silábico, [±soan] ±soante, [±son] ±sonoro, ATRIB atributivo, BAM bauré-muxojeóne, BAU bauré, CAR carmelito, CLS classificador, DEP forma dependente, IGN ignaciano, INDEP forma independente, INESP atribuição inespecífica, JAV javierano, JOA joaquiniano, LOR loretoano, MGU mamoré-guaporé, MOX moxeno, MUX muxojeóne, NMZ nominalizador, PAI paikonéka, PAU paunáka, PBAM proto-bauré-muxojeóne, PBAP proto-bauré-paikonéka, PBAU proto-bauré, PCHAP proto-chapakúra, PIGN proto-ignaciano, PMGU proto-mamoré-guaporé, PMOP proto-moxeno-paunáka, PMOX proto-moxeno, PPAI, proto-paikonéka, PPAU proto-paunáka, PTRI proto-trinitário, TRI trinitário.



Mapa: Localização original das populações falantes de línguas do subgrupo mamoré-guaporé (arawák).

1.1. Moxeno

O território moxeno se localiza nas terras baixas da região central da Bolívia, no extremo sul do departamento de Beni. Originalmente abrangia as zonas ribeirinhas da bacia do Mamoré entre suas confluências com os rios Yacuma e Grande (Metraux 1942), limitando-se ao sul com a Cordilheira de Mosestenes. Segundo Meireles (1989) e Hirtzel & Daillant (2012), durante a época colonial os moxeno já conformavam uma sociedade multiétnica não exclusivamente arawák na bacia do Mamoré e suas aldeias estavam situadas em terrenos elevados ou plataformas artificiais interconectadas por estradas. No final do século XVII os jesuítas haviam imposto a língua morocósi para várias parciais e pequenas tribos pertencentes a diferentes grupos etnolinguísticos dos arredores, convertendo-a na língua franca daquela zona de savanas alagadiças, denominadas “Llanos de Mojos”. A língua dos morocósi corresponde a uma forma arcaica da língua falada pelos moxeno atuais (Marbán 1701 [1894:183]). Em 1767, o moxeno era falado nas missões de Trinidad, San Ignacio, Loreto e San Xavier (Metraux 1963), onde emergiram respectivamente as quatro variedades conhecidas na literatura: IGN, TRI, LOR e JAV.

O censo de 2012 contabiliza 31078 pessoas maiores de 14 anos que se identificam como moxeno (INE 2012).³ O TRI é falado por aproximadamente 3140 pessoas que vivem atualmente nas imediações de Trinidad, San Lorenzo de Mojos, San Francisco de Mojos e

também dentro do Parque Nacional Isiboro-Sécure, no Território Indígena Multiétnico (nas porções meridionais das províncias de Yacuma e José Ballivián) e em comunidades localizadas ao longo do alto e médio Mamoré (Rose 2014). O IGN, por outro lado, é falado por cerca de 5000 pessoas na cidade de San Ignacio e arredores, numa região delimitada ao sul pelo território tsimané (Jordá 2014: 21). O JAV apresenta 5 semi-falantes e o LOR está extinto.

O TRI apresenta um sistema fonológico composto de 19 fonemas segmentais, 5 vocálicos e 14 consonantais.

CONSOANTES						VOGAIS		
	labial	alveolar	palatal	velar	glotal	{+arred}	{+arred}	
[-son]	[-cont]	p	t, ts	tʃ	k	?		
	{+cont}		s			h	i	u
{+son}	[-nas]	β	r	j			e	o
	{+nas}	m	n	ɲ			a	

Quadro 1: Sistema fonológico do TRI

Rose (op.cit.) assume a existência dos fonemas palatais /c/ e /ç/, mas eles são em minha análise dos dados apresentados por esta autora realizações contextuais ([c, ç]) respectivamente dos fonemas /t/ e /k/ em processos fonéticos de rersilabificação sempre que estão em sílaba com rima /i/ seguida por sílaba sem ataque (/ti.v/ → [cv]; /ki.v/ → [çv]).⁴ O fonema /ɲ/ é raro e parece ter emergido em um período recente, provavelmente associado a contextos particulares de realização dos fonemas */n, j/ do proto-TRI.

O IGN apresenta um sistema fonológico praticamente igual ao do TRI, composto de 19 fonemas segmentais, 4 vocálicos e 15 consonantais.

CONSOANTES						VOGAIS		
	labial	alveolar	palatal	velar	glotal	{+arred}	{+arred}	
[-son]	[-cont]	p	t, ts	tʃ	k	?		
	{+cont}		s	ʃ		h	i	u
{+son}	[-nas]	β	r	j			e	
	{+nas}	m	n	ɲ			a	

Quadro 2: Sistema fonológico do IGN

Os fonemas /ʃ, ɲ/ são raros e devem ter emergido em um período recente e provavelmente associado a contextos particulares de realização dos fonemas */s/, */n/ e */j/ do proto-IGN. O padrão silábico do IGN é /(C)v/; por outro lado, O TRI apresenta um padrão silábico bem mais complexo: /(C)(C)v(C)/.

³ Estima-se que as populações trinitária, ignaciana, loretana e javierana girem em torno respectivamente de 30.000, 2.200, 2.000 e 300 pessoas (Sichra 2009: 291). Estes dados não condizem com as estimativas de Jordá (2014) sobre o número de falantes do IGN, que giraria em torno de 5000 pessoas.

⁴ É importante destacar que /k/ sempre é realizado como [ç] diante dos vogais /e/ e /i/.

1.2. Paunáka

O território paunáka compreendia originalmente áreas de florestas áridas transicionais nas serras baixas da Chiquitania setentrional, a nordeste de Santa Cruz de la Sierra, limitando-se com os territórios bésiro (ao sul), saravéka (a leste), paikonéka (ao norte e nordeste) e chapakúra (a oeste e noroeste). Após o contato muitos paunáka foram assentados nas missões de Concepción de la Chiquitania, fundada em 1706, onde conviviam com pessoas de diferentes etnias, dentre as quais bésiro, guaráyo e paikonéka. Os paunáka atuais são descendentes daqueles que se rebelaram destas missões, buscando refúgio nas cabeceiras do rio Branco e seus afluentes (Cardus 1886: 284). Segundo Danielsen & Terhart (2014), a língua PAU se encontra seriamente ameaçada, sendo atualmente falada por cerca de 8 pessoas de faixa etária entre 50 e 80 anos, que vivem em três comunidades localizadas na província de Ñuflo de Chaves (Concepción, Santa Rita e San Miguelito de la Cruz). Os censos não contabilizam os paunáka como grupo distinto. Riester & Zolezzi (1987) estimaram na época uma população de cerca de 170 pessoas.

De acordo com Danielsen & Terhart (2014) o PAU apresenta um sistema fonológico composto de 16 fonemas segmentais, 5 vocálicos e 11 consonantais.

CONSOANTES		labial	alveolar	palatal	velar	glotal	VOGAIS			
[-son]	[-cont]	p	t	tʃ	k		[-arred]		[+arred]	
	[+cont]		s				[+ant]	[-ant]		
[+son]	[-nas]	β	r	j			[+alto]	i	i	u
	[+nas]	m	n					e		
							[+baixo]	a		

Quadro 3: Sistema fonológico do PAU

O PAU apresenta um padrão silábico semelhante ao do IGN: /(C)V/.

1.3. Paikonéka

O território paikonéka compreendia originalmente áreas de florestas áridas transicionais nas serras baixas da Chiquitania setentrional, entre os rios Branco e Verde (d'Orbigny 1839:188-189), limitando-se com os territórios paunáka (a sudoeste), bésiro (ao sul), saravéka (a leste), guaráyo (ao norte), bauré (a noroeste) e chapakúra (a oeste). A língua PAI está extinta.⁵

A seguir se apresentará uma proposta de reconstrução do sistema fonético-fonológico do PAI com base nos dados coletados por d'Orbigny (1879). No manuscrito em questão não há quaisquer explicações acerca da notação gráfica adotada pelo autor. Entretanto, como nele constam dois vocabulários comparativos contendo dados de três línguas arawák vivas do subgrupo mamoré-guaporé (BAU, TRI, PAU), pôde-se confrontá-los com dados coletados e analisados por linguistas experientes. Com isto, pôde-se depreender os seguintes valores fonéticos da notação gráfica utilizada por d'Orbigny:

⁵ Em San Javier existe um subgrupo bésiro que se autodenomina paikonéka, atualmente em investigação por Federico Villalta (Danielsen & Terhart 2014).

Tabela 1: Fonetização da notação de d'Orbigny (1879)⁶

<a>	[a]	<o>	[o] ~ [ɔ]	<ch>	[ʃ] ~ [ʒ]	<n>	[n]	<l>	[l]
<e>	[e]	<u>	[u]	<c>	[k]	<ñ>	[ɲ]	<ll>	[ʎ] ~ [ʝ]
<é>	[e]		[b]	<qu>/_e/i	[k]	<v>	[β]	<y>	[j]
<è>	[ɛ]	<p>	[p]	<q>/nda	[k]	<s>	[s]	<hi>/_V	[j]
<î>	[i]	<t>	[t]	<g>	[g]	<j>	[h]	<hu>/_V	[w]
<ï>	[i] ~ [w]	<ts>	[ts]	<m>	[m]	<r>	[r]	<h>/nda	[ʔ]

O autor não distingue [ʃ] e [ʒ] na sua notação, impossibilitando que se faça uma averiguação da existência de tal distinção em PAI.⁷ Levando em consideração que as realizações dos fonema /β/ do PAU e /v/ do BAU englobam respectivamente os fones [w, β, v, b] (Danielsen & Terhart 2014: 228) e [v, β, v, b] (Danielsen 2007: 43), se considerará que os fones [w, β, b] são realizações do fonema /β/, pois, ao menos no *corpus* disponível, não é possível observar pares (quase-)mínimos que deem argumentos para que qualquer um destes fones possa ser considerado um fonema distinto. Igualmente, não foram evidenciados no corpus pares mínimos verdadeiros que deem suporte à distinção de [o] e [u] como fonemas distintos, embora a *priori* haveria possibilidades: [iɲopi] ‘ombro’, [iɲupi] ‘costas’; [mose] ‘terra’, [muse] ‘areia’; [itopi] ‘verme’, [itupi] ‘lombriça’; [sipori] ‘sapo’, [sipuli] ‘rã’. Entretanto, em virtude da proximidade semântica ou física dos seus referentes, é mais provável que tais pares lexicais se refiram a um mesmo étimo; nesta perspectiva, [o] e [u] estariam, de fato, em variação livre, dando suporte à hipótese de que em PAI existia apenas um fonema vocálico arredondado. O par [sipori] ‘sapo’ e [sipuli] ‘rã’ aponta, igualmente, para a possibilidade de que [l] e [r] tenham sido alofones do fonema /r/, hipótese que será adotada neste estudo.

A partir do cotejo dos dados pôde-se concluir que a língua PAI apresentava um sistema fonológico composto de 17 fonemas segmentais, 4 vocálicos e 13 consonantais.

CONSOANTES		labial	alveolar	palatal	velar	glotal	VOGAIS	[+arred]	[+arred]
[-son]	[-cont]	p	t, ts	tʃ	k	ʔ	[+alto]	i	
	[+cont]		s			h		e o	
[+son]	[-nas]	β	r				[+baixo]	a	
	[+nas]	m	n	ɲ					

Quadro 4: Sistema fonológico do PAI

Os exemplos das tabelas 2 e 3 ilustram algumas distinções fonológicas do PAI.

⁶ Os grafemas <g> e <ll> aparecem uma única vez no *corpus* PAI, e <ï> duas vezes no mesmo contexto (/k_s/).

⁷ Os dados coletados por Cardus (1886) são muito reduzidos de forma que não há a possibilidade de se averiguar tal *status* nem mesmo através do método de restituição linguística desenvolvido por Constenla-Umaña (2000).

Tabela 2: Exemplos de distinções entre fonemas consonantais em PAI

/p/ X /β/	/kopire/ ‘tatu’	/oβira/ ‘vento’	/n/ X /t/	/soni/ ‘tabaco’	/koti/ ‘doente’
/p/ X /m/	/sipori/ ‘rã’	/simori/ ‘porco’	/t/ X /tʃ/	/otira/ ‘enguia’	/oʃira/ ‘bugio’
/p/ X /h/	/kopire/ ‘tatu’	/kohira/ ‘jacaré’	/ti/ X /tʃ/	/sitiore/ ‘feijão’	/iʃore/ ‘sagui’
/β/ X /h/	/oβira/ ‘vento’	/kohira/ ‘jacaré’	/ts/ X /tʃ/	/ʔitsomo/ ‘levantar-se’	/tʃumore/ ‘bagre’
/ts/ X /s/	/nitsero/ ‘filho’	/isero/ ‘dente’	/s/ X /h/	/isia/ ‘sal’	/ihino/ ‘arraia’
/n/ X /m/	/ipene/ ‘língua’	/ipeme/ ‘boca’	/k/ X /h/	/kopire/ ‘tatu’	/hopi/ ‘vaso’
/n/ X /ɲ/	/ihino/ ‘arraia’	/iɲopi/ ‘costas’	/ʔ/ X Ø	/ʔimo/ ‘peixe’	/imo/ ‘tamanduá’
/n/ X /r/	/βina/ ‘coração’	/oβira/ ‘vento’	/ʔ/ X /r/	/tʃomoʔe/ ‘abelha’	/tʃomore/ ‘bagre’

Tabela 3: Exemplos de distinções entre fonemas vocálicos em PAI

/o/ X /i/	/ano/ ‘vespa’	/ani/ ‘céu’	/a/ X /o/	/ani/ ‘céu’	/oni/ ‘mosquito’
/a/ X /e/	/aβiʃora/ ‘gambá’	/iʃore/ ‘sagui’	/e/ X /i/	/pene/ ‘sangue’	/pini/ ‘mama’

O padrão silábico proposto para o PAI é /(C)V/.

1.4. Bauré

O território bauré se localiza nas terras baixas do extremo nordeste boliviano e originalmente abrangia vastas áreas ao longo da bacia do rio Baures (afluente do Guaporé e oriundo das Serras Chiquitanas de San Javier e Concepción), principalmente entre os rios Branco e Negro, tanto em áreas de floresta úmida como nas extensões dos Lhanos de Moxos (Danielsen 2012:152). O primeiro contato com este povo ocorreu no final do século XVII e desde 1702 esta sociedade já se encontrava reduzida em missões, das quais se destacam Baures, El Carmen del Iténez e San Joaquín de Moxos. Segundo Danielsen (2012) existem três dialetos - BAU, CAR e JOA - falados cada qual nos povoados emergidos das referidas missões, sendo o JOA a variedade mais divergente. Além destas três variedades, o MUX é uma outra já extinta, cujos dados disponíveis foram coletados por d’Orbigny (1879). A tabela 4 traz alguns exemplos de cognatos comuns entre as línguas do subgrupo bauré-muxojeóne, porém não compartilhados com as línguas do subgrupo moxeno.

Tabela 4: Exemplos de raízes não compartilhadas entre PMOX e PBAM

	IGN	TRI	JOA	BAU	MUX
barriga	-ami	-omi	-hekiheki	-heki	-keki
boca	-haka	-haka	-nuki	-noki	-noki
cabeça	-ʃuti	-ʃuti	-poʔe	-poʔe	-paʔe
coração	-samu-re	-sam-re	e-koʔini	-eto-koʔin	ekotojin ⁸
cotovelo	-tsutsu	-tsutsu	-totoki	-totaki	-totake

⁸ proto-MUX * etokojin > MUX ekotojin.

dente	-aʔe	oʔe	sejho	-ser, serok	-sera
pedra	mari	mari	kahi	kohiʔ	kahe
umbigo	-tuju	-tuju	-tobe	-tove	-toʔe

O BAU é falado principalmente na localidade de Baures, por aproximadamente 67 pessoas, porém menos de 20 são consideradas plenamente fluentes (Crevels & Muysken 2009; Danielsen 2012).⁹ O censo de 2012 contabiliza 2319 e 2797 pessoas maiores de 14 anos que se identificam respectivamente como bauré e joaquiniano (INE 2012).¹⁰

A língua BAU apresenta um sistema fonológico composto de 18 fonemas segmentais, 4 vocálicos e 14 consonantais.

CONSOANTES		labial	alveolar	palatal	velar	glotal	VOGAIS		[+arred]	[+arred]
[-son]	[-cont]	p	t	tʃ	k	ʔ	[+alto]	i		
	[+cont]		s	ʃ		h		e o		
[+son]	[-nas]	v	r	j	w		[+baixo]	a		
	[+nas]	m	n							

Quadro 5: Sistema fonológico do BAU

O BAU apresenta um padrão silábico /(C)V(C)/, embora a coda possa ocorrer apenas em final de palavra.

2. Histórico de classificação das línguas do subgrupo mamoré-guaporé

D'Orbigny (1839: 275-276) foi o primeiro a observar uma estreita afinidade entre as línguas PAU e PAI, chegando a supor que seus falantes fariam parte de um mesmo grupo étnico, mas somente Rivet (1924) reuniu as línguas MOX, o PAI, o PAU e o BAU num mesmo subgrupo da família arawák, o qual denominou 'boliviano'. Sua classificação foi copiada por Schmidt (1926), que manteve a nomenclatura do subgrupo e incluiu o MUX, considerado por Danielsen (2011; 2013) um membro das línguas MOX (cf. abaixo). Goeje (1928) associou indistintamente numa divisão denominada 'sudeste' línguas do subgrupo mamoré-guaporé com línguas dos subgrupos xingu (waurá, mehináku, waurá, kustenau), juruena (paresí, saravéka) e paraguai (chané, kinikináo). Por outro lado, Loukotka (1942) optou por reunir apenas as línguas saravéka e chané com as línguas do subgrupo mamoré-guaporé indistintamente numa divisão denominada 'línguas da Bolívia'. Mason (1950), numa tentativa de detalhar a classificação interna da divisão 'sudeste' de Goeje (*op. cit.*) (a qual rebatizou de 'meridional'), define nesta divisão um subgrupo 'bolívia' (com os mesmos constituintes do subgrupo 'boliviano' de Schmidt (1926)), para o qual sugere duas ramificações: 'bolívia' (contendo as línguas MOX, MUX e BAU) e 'chiquito' (contendo as línguas PAU e PAI). Em sua revisão de 1968 Loukotka

⁹Deste total, apenas três são falantes do dialeto carmelito e dois do joaquiniano (Danielsen 2012: 152).

¹⁰ Outro levantamento, os índices populacionais para estas etnias é bem inferior, respectivamente 886 e 296.

reconheceu a classificação de Rivet (1924) e colocou dentro da sua divisão ‘xxvii’ da família arawák (‘línguas do grupo Moxo’) o MOX, o BAU, o PAU e o PAI. Kaufman (1994) alega três ramificações para o seu subgrupo ‘mojo’: ‘MOX’, ‘BAU’ e ‘PAU/PAI’, hipótese copiada posteriormente por Campbell (1997). Aikhenvald (1999) apresentou uma classificação sem detalhamento interno para seu subgrupo ‘meridional’, onde incluiu o apolista, o enawên-nawê e as línguas dos subgrupos mamoré-guaporé e paraguai. Ramirez (2001) desconsiderou o PAU e o PAI em sua classificação da família arawák, porém mantendo a estreita relação já postulada entre MOX e BAU. Este mesmo autor (Ramirez 2010: 31) afirma que o PAI é um dialeto BAU, mas não apresenta quaisquer dados que demonstrem tal suposição. Nenhum destes autores apresentou quaisquer dados suficientes para comprovar suas alegações. Danielsen (2011 *apud* Danielsen & Terhart 2014: 226), a partir de comparações lexicais e gramaticais preliminares, propõe a seguinte classificação:

ARAHUACA DEL SUR

Lenguas baures

- !bauré (BOL)
- !carmelito (BOL)
- †joaquiniano (BOL)

Lenguas paunas

- !paunáka (BOL)
- †paikonéka (BOL)

Lenguas mojeñas

- !trinitário (BOL)
- !ignaciano (BOL)
- ? (†)loretano (BOL)
- ? †javierano (BOL)
- ? †muchojeone (BOL) ...

Danielsen & Terhart (2014) fazem, entretanto, menção à seguinte hipótese:

La investigación preliminar de las palabras recogidas del paunáka y del paikonéka dio lugar a lo siguiente: aunque parezca que los dos nombres están relacionados y puedan derivar de una sola fuente etimológica, da la impresión que había por lo menos dos grupos distintos aquí. Además se nota una conexión más fuerte entre el paikonéka y el bauré, mientras que el paunáka se parece más al mojeño. Un ejemplo es la palabra que significa “sol”, que es sache en los dialectos mojeño y paunáka, en bauré es ses y en paikonéka isése. (*id.*:225)

3. Reconstrução do PMGU

A partir da comparação de um *corpus* com aproximadamente 400 itens foram observadas uma série de correspondências fonológicas sistemáticas, apresentadas nas tabelas 5 e 6. Através desta avaliação pôde-se inferir que o PMGU apresentava um sistema fonológico composto de 20 fonemas segmentais, 7 vocálicos e 13 consonantais.

CONSOANTES		labial	alveolar	palatal	velar	glotal	VOGAIS			
[-son]	[-cont]	p	t,ts	tʃ	k	ʔ	[-arred]		[+arred]	
	[+cont]		s			h	[+ant]	[-ant]		
[+son]	[-nas]	β	r	j			[+alto]	i	i	u
	[+nas]	m	n					e		o
							[+baixo]	a		ɔ

Quadro 6: Sistema fonológico do PMGU

Pode-se inferir também que o padrão silábico do PMGU era bastante simples, semelhante ao encontrado em IGN e em PAU ((C)V/).

Tabela 5: PMGU: correspondências fonológicas (consoantes)

PMGU	IGN	TRI	PAU	PAI	BAU
*p	p	p	p	p	p
<i>5, 10, 16, 18, 26, 33, 38, 41, 43, 58, 72, 75, 86, 90, 95, 106, 114</i>					
*t	t	t	t	t	t
<i>16, 17, 21, 32, 37, 40, 74, 81, 97, 110, 115, 126</i>					
*ts	/[+ant]_e	ts	ts	s	t
<i>16, 77</i>					
	/_i	tʃ	tʃ	s	tʃ
<i>46, 52</i>					
	/nda	ts	ts	s	s
<i>12, 100, 105</i>					
*tʃ	/_a, _ə, _o	tʃ	tʃ	tʃ	tʃ
<i>51, 85, 96, 109, 125</i>					
	/nda	tʃ	tʃ	tʃ	tʃ
<i>13, 23, 24, 25, 31, 50, 68, 89, 94, 97, 104, 111, 113</i>					
*k	/_e, _i	k	ç	k	k, s
<i>4, 34, 57, 65, 73, 83</i>					
	/#_i	s	s	k	s
<i>17, 41, 58, 114</i>					
	/nda	k	k	k	k
<i>1, 3, 4, 14, 19, 24, 37, 43, 46, 55, 62, 63, 65, 70, 72, 78, 80, 82, 85, 106, 118, 119, 123, 124</i>					
*s	s	s	s	s	s
<i>6, 35, 44, 47, 79, 87, 112</i>					
*h	h	h	h	h	h
<i>3, 11, 28, 53, 55, 56, 62, 69, 70, 90, 92, 101, 102, 103, 128</i>					

LIAMES 16(1)

*m		m	m	m	m	m
		<i>1, 6, 11, 20, 32, 36, 39, 63, 59, 80, 87, 92, 93, 99, 108, 112, 113, 116, 121, 126, 127</i>				
*n		n	n	n	n	n
		<i>2, 19, 20, 26, 27, 30, 42, 50, 54, 60, 67, 68, 75, 76, 84, 91, 95, 96, 122, 128</i>				
*r		r	r	Ø	r	r
		<i>1, 3, 4, 5, 15, 24, 40, 55, 79, 99, 100, 108, 122, 129</i>				
*β	/_i, _i	β	β	b	β	β
		<i>1, 14, 56, 74</i>				
	/nda	β	β	b	β	w
	<i>10, 34, 49, 71, 91, 119, 123</i>					
*j		j	j	j	ʝ	j
		<i>29, 42, 54, 64, 66, 81, 104, 107</i>				
*ʔ		ʔ	ʔ	Ø	ʔ	ʔ
		<i>7, 18, 28, 48, 76, 127</i>				

Tabela 6: PMGU: correspondências fonológicas (vogais)

	PMGU	IGN	TRI	PAU	PAI	BAU
*i		i	i	i	i	i
		<i>4, 11, 16, 17, 28, 30, 33, 37, 39, 40, 43, 46, 48, 78, 50, 52, 63, 55, 58, 69, 72, 74, 76, 79, 84, 56, 90, 92, 95, 97, 98, 103, 108, 110, 114, 122</i>				
*i		u	u	i	i	i
		<i>2, 4, 13, 23, 27, 52, 65, 99, 100, 102, 104, 114, 118</i>				
*e		e	e	e	e	e
		<i>2, 4, 5, 12, 15, 16, 20, 21, 25, 26, 33, 40, 42, 55, 60, 62, 67, 68, 74, 75, 77, 86, 97, 98, 104, 128</i>				
*a		a	a	a	a	a
		<i>27, 38, 50, 88, 101, 107, 128</i>				
*u		u	u	u	u	u
		<i>2, 4, 13, 23, 27, 52, 65, 99, 100, 102, 104, 114, 118</i>				
*o		a	o	u	o	o
		<i>1, 10, 11, 12, 20, 32, 34, 37, 42, 43, 45, 46, 51, 54, 64, 73, 77, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 100, 106, 109, 112, 115, 116, 119, 121</i>				
*ɔ		a	o	u	o	a
		<i>3, 7, 13, 14, 29, 35, 41, 53, 55, 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 105, 108, 120, 124, 126</i>				

Os elementos reconstruídos para o PMGU estão apresentados nas tabelas (7-10). A cada termo reconstruído seguem as formas das línguas abordadas, sempre que elas existirem. Quando o termo IGN, TRI, PAU, PAI ou BAU for acompanhado de asterisco (*) significa que ele se refere respectivamente à forma hipoteticamente reconstruída para o proto-IGN, proto-TRI, proto-PAU, proto-PAI e proto-BAU. Explicações das evoluções de cada protoforma para as formas atestadas constam em notas de rodapé, onde também são mencionados dados do JOA e do MUX. Uma amostra do léxico PMGU segue abaixo:

Tabela 7: Léxico PMGU

	PMGU	IGN	TRI	PAU	PAI	BAU
1. abóbora	*mokuβi-re ¹¹	makure	mkure	*mukubire	*mokoβire	mokovis
2. água	*ine	une	une	ine	ina	*ine ¹²
3. algodão	*kɔhɔ-re ¹³	kaha-re	kho-re	kuhu-e	kohoβu-re	kahawo-r
4. amendoim	*kirike-re ¹⁴	kurike-re	kriç-re	kiike	-	*kirike-re
5. animal doméstico	*pero	-pera	-pero	peu	-	-per
6. anta	*samo ¹⁵	sama	samo	samu	i-somo	som
7. arco-íris	*ɔ ¹⁶	a-{ʔe}	o-{ʔe}	u-{e}	-	{ni}-a?
8. arraia	*ihino ¹⁷	ihina	hino-mo	ihinu	ihino	*sinu-mpe
9. árvore	*βoku ¹⁸	-	βku-çi	-	{ape}-oko	-wok(o)
10. asa	*-poβo ¹⁹	-paβa	-poβo	*-pubu	-	*-powo
11. assar	*-himo-	-a-hima-ka-	-o-hmo-ko-	-himu-k-	-	-himo- 'queimar'
12. avó	*-otse ²⁰	-atse	-otse	-use	-	*-ose

¹¹ Houve lexicalização de PMOP *-re 'INDEP' em PMOP *mokuβi-re. Proto-PPAU *mukubi-re > PPAU *mukui-re (por síncope de /b/ em contexto /u_ i/) > PAU muki-e (por ass. regr. do traço [-arred] em /u/ e síncope de /r/). PPAI *mukuβi-re > PAI mukui-re (por lenição de /β/ no ambiente /u_ i/); houve lexicalização de PBAM *-si 'CLS. lenhoso' em PBAM *mokoβi-si (cf.: MUX mokoβis 'id.').

¹² PBAM *ine > BAU in, JOA ine, MUX ine.

¹³ Houve lexicalização de PMOP *-re 'INDEP' em PMOP *koho-re. PBAP *-βu{k} 'CLS.árvore' provavelmente foi lexicalizado em PBAP *kɔhɔ-βu-re.

¹⁴ Houve lexicalização de PMOP *-re 'INDEP' em PMOP *kirike-re. PBAU *kirike-re > BAU kiriki-ri (por ass. prog. de /i/).

¹⁵ PMGU *samo 'anta' > PBAP *somo (por ass. regr. do traço [+arred]) > PBAM *somo > MUX somo, JOA foomo, PBAU *somo > BAU som (por apócope); PAU i-sumu presumivelmente seria empréstimo de PAI *somo.

¹⁶ IGN -ʔe : TRI -ʔe : PAU -e são lexicalizações do sufixo PMGU *-ʔe 'CLS.oblongo'. O termo BAU é provavelmente uma composição das raízes /ani/ 'céu' e /a/ 'arco-íris': PBAU *ani-a > BAU nia?

¹⁷ Os termos BAU simbe 'id.' e MUX simbe 'id.' são provavelmente derivados de PBAM *sinu-mpe (a protoforma PBAM *sinu-mpe é derivada de PBAP *hinu por ass. do traço [+cor] em /h/). TRI e PBAM contêm respectivamente lexicalizações dos sufixos -mo 'CLS.laminar/macio' e *-mpe 'id.'.

¹⁸ TRI contém uma lexicalização de -çi 'CLS.lenhoso' (< PMGU *-ki 'id.').

¹⁹ PPAU-pubu > PAU -puu (por lenição de /b/). *PMGU *-poβo-ki 'braço' representa uma derivação de PMGU *-poβo 'asa' através da incorporação do sufixo PMGU *-ki 'CLS.cilindrico' (cf.: IGN -paβa-ki 'braço', TRI -poβ-çi 'id.', MUX i-poo-ki 'id.', BAU -powo-ki 'id.').

²⁰ PBAM *-ose 'avó' > BAU -os, JOA -ose, MUX -aβose.

LIAMES 16(1)

13. avô	*-oʃʃiko ²¹	-aʃʃuka	-oʃʃko	*-uʃʃiku	-	*-aʃʃiko
14. bêbado	*-koʃʃi- ²²	-kaʃʃa-ʔa-	-koʃʃo-o-	-kubi-u-	-	-kavi-
15. beber, tomar	*-er-o-	-er-a-	-er-o-	-e-	-	-er(o)-
16. beija-flor	*pitse ²³	pitse	pitse	pise 'pássaro'	pite	*pite
17. bicho-de-pé	*kitu-re ²⁴	situ-re	stu-re	kitu-e	*sito-ri	-
18. bicho- preguiça	*puʔe	puʔe	puʔe	pue	-	poʔe
19. boca ²⁵	*-nuki	-nuku 'bocado'	{hii}-nuku 'bigode'	*-nuki	-	-noki
20. brasas ²⁶	*e-moni-ki	e-mani-ki	-moni	e-muni-ki	-	*e-moni-si
21. cana	*kute-nɔ	akute-na	ʔkute-no	-	kote-na-se	kote-n
22. cantar	*-ako- ²⁷	-	-	-aku-suni	-aka-	-ak-
23. capivara	*uʃʃi ²⁸	uʃʃu	uʃʃu	*uʃʃi	*aʔ-oʃʃi	oʃʃ(i)
24. carão ²⁹	*koʃʃu-re	kaʃʃu-re	ktʃu-re	-	-	koʃʃo-r
25. carne	*-eʃʃe	-eʃʃe	-eʃʃe	-eʃʃe	-	-eʃ
26. casa	*pe-nɔ	-pe-na (DEP)	-pe-no (DEP)	-	-	-pe-n 'toca'
27. céu	*ani ³⁰	anu-ma	anu-mo	ani-mu	ani	ani
28. chifre	*-hiʔi ³¹	-hiʔu	-hiʔu	*-hiï	-hi	-hiʔ
29. chorar	*-ijɔ-	-ija-ʔ-a	-ijo-ʔ-o	-ju-	-ʃʃo-	-ja-
30. comer	*-ni-ko-	-ni-ka-	-ni-ko-	-ni-k-	-ni-ko-	-ni-(k)-
31. cortar	*-ʃʃu-ko-	-e-ʃʃuka-	-ʃʃukoʔo-	-	-	a-ʃʃok-
32. cupim	*moto-ri	mata-ru	mto-ru	-	moto-ri-pa 'cupinzeiro'	moto-ri
33. cutia	*peri ³²	peʔi	peʔi	pei	peri	peri

²¹ PPAU *-uʃʃiku > PAU -uʃʃiku (por ass. do traço [+cor] em /i/). PBAU *-aʃʃiko > BAU -aʃʃok (por metátese /i-o/ /o-i/ seguida de apócope de /i/; cf.: MUX aʃʃiko 'id.').

²² PMOP *-koʃʃi- > PMOX *-koʃʃo- (por ass. prog. do traço [+arred]). MUX kaawi-a-ri 'pessoa bêbada', JOA kabi-a-ri 'id.', BAU kaʃʃi-a-ri 'id.'.

²³ PBAP *pite > PBAM *pite > MUX pite, BAU pita (< PBAU *pite).

²⁴ Houve lexicalização de PMGU *-re 'INDEP' em PMGU *kitu-re. PPAI *sito-ri > PAI ito-ri (por aférese).

²⁵ Compare TRI {-hii}-nuku 'bigode' com PAU -hiju-niki 'id.' (cf.: PMOP *-hijo 'pelo'). PPAU *-nuki > PAU -nuki (por ass. regr. do traço [-arred]). PBAM *-noki 'boca' > BAU -noki, MUX i-noki 'id.', JOA -noki 'id.'.

²⁶ Sinônimo de 'carvão'. Os termos IGN, PAU e BAU apresentam incorporação do sufixo PMGU *-ki 'CLS. lenhoso'. PBAU *e-moni-si > BAU e-monoes (por ass. prog. do traço [+arred] e metátese de -si 'CLS. lenhoso').

²⁷ PAU -suni 'cantar' forma paralelo com besiro soni 'canto'.

²⁸ PPAU *uʃʃi > PAU iʃʃi (por ass. regr. do traço [-arred]); PPAI *aʔ-oʃʃi > PAI aʔ-aʃʃi; MUX oʃʃi 'id.'.

²⁹ *Aramus guarauana*.

³⁰ Houve lexicalização de PMOP *-mo 'CLS. cobertura' em PMOP *ani-mo. PBAM *ani > MUX ane, JOA anji, BAU ani.

³¹ PPAU *-hi-i > PAU -si-i (por ass. do traço [+cor] em /h/).

³² PMGU *peri > PMOP *peʔi (por debucalização de /r/).

JOLKESKY - UMA RECONSTRUÇÃO DO PROTO-MAMORÉ-GUAPORÉ (FAMÍLIA ARAWÁK)

34. dedo	*-βoʔi-ki ³³	-βau-ki	-βu-çi	-bui	*-βoʔi-ne-si	*-woʔi-si
35. defecar	*-sɔ-	-sa-ka-	-so-ko-	-	-	-sa-(p)-
36. doente	*-huma ³⁴	-ka-huma	-ko-hma	-	-	*-hom
37. doer	*-koti	-kati	-koti(-ʔo)	-kuti 'doente'	-koti 'doente'	-koti-c-
38. dois	*api-	api-	api-	-	-	api-n
39. dormir	*-imo-ko-	-ima-ka-	im-ko-	-imu-k-	-mo-k-o-	-imo-k-
40. enguia	*iti-re ³⁵	iti-re	ʔti-re-pi	iti-e	oti-ra	*iti-re
41. entrar	*-kiɔpo-	-siapa-	-siop--	bi-kupu-	-	-siap-
42. esposa	*-jeno	-jena	-jeno	-jenu	-	-jeno
43. espremer	*kopiti-ko-	-kapiti-ka-	-kopʔa-ko-	kupiti-k-	-	kopiti-e-k-
44. esquerda	*-sɔpa	-sapa	-sopa	-	-	-sap
45. folha	*-po-	-pa-ka-hi	-po-ko-hi	-pu-ne	-	-po-n
46. formiga	*kotsi-ri	kaʔi-ru	kʔi-ru	kusi-u	koʔi-ri	koʔi-ri
47. fritar	*-suri-	-suru-ka-	-suu-ko-	-	-	-sori-
48. fruta	*-ʔi ³⁶	-ʔi	-ʔi	-i	-ʔi	*-ʔi
49. galho	*-aβo ³⁷	-t-aβa	-t-aβo(-hi)	-	-	*-awo
50. genro	*-ʔina	-ʔina	-ʔina	-	-	ʔina?
51. grande	*ʔo	i-ʔa-pe	ʔ-ʔo-pe	-	-	ʔo
52. grilo	*βitsi	βiʔi	βiʔi	bisi	βiʔi	viʔi
53. homem	*hiro	a-haira	ʔ-hiro	-	-	hir(a)
54. ir	*-jono-	-jana-	-jono-	-jun-	-ʔono-	-jon(o)-
55. jacaré	*kɔhi-re ³⁸	kahiu-re	khʔu-re	kuhibu-e	*kohi-re	kahi-re
56. jacutinga	*huβi ³⁹	huβi	huβi	*e-hubi	-	hovi-r(e)
57. lago	*kɔkii	kakiu-re	koçu-re	-	-	aki
58. lavar	*-kipɔ-	-sipa-ka-	-sip-ko-	kipu-ch-	-	-sipa

³³ O termo é uma lexicalização de PMGU *-βoʔi 'mão' + PMGU *-ki 'cls.cilindrico.duro'. Proto-PMOX *-βoʔu-ki > PMOX *-βou-ki (por síncope de /ʔ/) > IGN -βau-ki, PTRI *-βou-çi > TRI -βu-çi (por ass. regr. do traço [+alto]). PBAP *-βoʔine-si > PPAI *-βoʔine-si > PAI -βoʔon-si (por ass. prog. do traço [+arred] e síncope de /e/); cf. tb.: PAI i-βoine 'antebraço'. PBAP *-βoʔine-si > PBAM *-βoʔine-si > MUX i-woi-s (por síncope de /ne/), JOA -woin-se (por síncope de /e/), PBAU *-woʔi-si (por síncope de /ne/) > BAU -wohi-s (por lenição de /ʔ/ e apócope).

³⁴ PBAU *-hom- > BAU -som-.

³⁵ Houve lexicalização de PMGU *-re 'INDEP' em PMGU *iti-re. PBAM *itire 'enguia' > BAU tir(e), MUX itire.

³⁶ PBAU *-ʔi > BAU -iʔ (por metátese). A forma PAI lo-ʔi (d'Orbigny 1879) está prefixada (lo- '3.s.' + -ʔi 'fruta').

³⁷ O termo PMGU *-awo se refere tanto a 'galho' como a 'cacho'. PBAU *e- 'INESP' + PBAU *-awo 'galho' > BAU -ewo 'ramo'.

³⁸ PPAU *kuhiire > PAU kuhibue (por perda de */r/ e epêntese de /b/). PPAI *kohi-re > PAI kohi-ra.

³⁹ PPAU *e-hubi > PAU e-hui (por síncope de /b/ em contexto /u._i/).

59. levar	*-ɔmo-	-ama-	-omo-	-um-	-	-amo-
60. língua	*-nene ⁴⁰	-nene	-nene	-pe-nene	i-pe-ne	-pe-nene
61. lobo-guará	*okɔɔ	akara-ma	okro-mo	-	-	okara-nan
62. lua	*kohe ⁴¹	kahe	kohe	kuhe	kehe-re	kihe-r
63. luz, iluminar	*-mika-	-mika-ʔu	-mik-ʔu	-	-	-mika-
64. macaco	*ijo ⁴²	ija	ijo	iju	iffo-re	ijo-re
65. madeira	*jɔki-ki ⁴³	juku-ki	jku-çi	jiki-ke	ʔaki-se	*jaki-se
66. maduro	*-jɔ-	-ja-ʔa-	-jo-ʔo-	-	-	-ja-k-
67. mãe	*-eno ⁴⁴	-ena	-eno	-enu	*-eno	-en(o)
68. mama, teta	*-ʔeni ⁴⁵	-ʔene	-ʔene	-ʔene	-	*-ʔeni
69. mamar	*(-ɔ)-hi-ko-	-ahi-ka-	-oh-ko-	-uhi-k-	-	-hi-k-
70. mandioca	*kiha ⁴⁶	kuhu	kuh-pa	kiha-pi	-	kaha-p
71. mão	*-βoʔi ⁴⁷	-βaʔu	-βoʔu 'pulso'	-bui	*-βoʔi	-wo-
72. medo	*-piko-	-pika-	-piko-	-i-pik-	-	-piko-
73. milho	*moke	a-maki	ʔ-moçi	a-muke	o-mose	mos
74. morcego	*βite ⁴⁸	βite	βite	bite	βite-re	vite-r
75. morrer	*-epeno-	-epena-	-epeno-	-	-	-epen(o-)
76. mosquito	*aniʔi ⁴⁹	aniʔu	*ʔniʔu	anibi	oni	*aniʔ
77. mulher	*etseno ⁵⁰	esena	ʔseno	-senu	*-iteno	eteno
78. mutum	*ukuʔi	ukuʔi	ʔkuʔi	-	-	wokoj

⁴⁰ Nos termos PBAP *-pe-nene e PAU -pe-nene houve lexicalização de PBAP *-pe- 'CLS.oblongo/laminar' e PAU -pe- 'id.' (<PMGU *-pe 'id.').

⁴¹ PBAP *kohe-re 'lua' > PAI kehe-re (por ass. regr. de /e/), PBAM *kohe-re > MUX koðe-ðej, JOA khe-re (por síncope de /u/), BAU kihe-r (por perda do traço [+arred] de /u/).

⁴² Em PBAP *ijo-re houve a lexicalização de PBAP *-re 'INDEP'. PBAM *ijo-re > BAU jor/ijore, JOA joore.

⁴³ PMGU *jɔki-ke > PMOP *jiki-ke (por ass. regr. de /i/). PBAP *jɔki-se > PPAI *ʔjoki-se > PAI ʔjaki-se (por perda do traço [+arred] de PPAI */o/); PBAM *jɔki-se > MUX joke-sej, JOA joki-se, BAU jaki-s.

⁴⁴ PBAP *-eno > PPAI *-eno > PAI {-aʔ}-eɲo. Os termos PAI n-aʔ-eɲo 'mãe' e MUX n-enon 'id.' (d'Orbigny 1879) são formas possuídas, contendo o prefixo de primeira pessoa; outras formas atestadas em BAU: -en, -ena, n-eno.

⁴⁵ PBAM *-ʔeni 'mama' > MUX mi-ʔeni, JOA -ʔene, PBAU *-ʔeni > BAU -ʔena/-ʔon.

⁴⁶ PBAU *kiha-pa > BAU kahap (por ass. regr. de /a/ e apócope). PMGU *kiha > PMOP *kiha ~ *kihi (por ass. prog. de /i/). TRI kuh-pa e BAU kaha-p (também atestado: BAU koha-p) são resultantes da lexicalização de PMGU *kiha- 'mandioca' + PMGU *-pa 'CLS.pó/emente', tendo havido uma derivação semântica subsequente de 'farinha de mandioca' para 'mandioca'. PAU kiha-pi (tb. atestado kihi-pi), por outro lado, é resultante da lexicalização de PMOP *kiha- 'mandioca' + PMOP *-pi 'CLS.cilíndrico.flexível'. Os termos MUX kopa 'id.', JOA koba 'id.' são influenciados por alguma língua chapakúra (cf.: PCHAP *ʔakop 'id.' > oronão ʔkop, kitemóka tupa).

⁴⁷ PPAI *-βoʔi 'mão' foi reconstruído através dos termos PAI i-βoi-ne 'antebraço', i-βo-aki 'pulso' e i-βoʔ-onso 'dedo'. JOA -bai 'mão'.

⁴⁸ Houve lexicalização de PBAP *-re 'INDEP' em PBAP *βite-re.

⁴⁹ PMOX *aniʔu > PTRI *ʔniʔu > TRI ʔniʔu. PBAM *aniʔi > JOA ani, PBAU *aniʔ > BAU niʔ; MUX aniʔo-re 'id.' é provavelmente empréstimo do PMOX *aniʔu com adição de PMGU *-re 'INDEP'. PAI mepere 'pium'; O termo BAU wahaj 'pium' forma paralelo com MUX wahe 'id.'.

⁵⁰ proto-PMOP *etseno > PMOP *eseno (por lenição de /ts/). O termo PAU esenu-nube também é atestado como seu-nube (PAU -nube 'P.HUM'). PPAI *iteno > PAI (a)iteɲo; PBAM *eteno > MUX etena-ʔi (< proto-MUX *eteno; MUX -ʔi é provável cognato de BAU -ʔi 'DIM'), JOA etono (por ass. regr. do traço [+arred]), BAU et/eteno/eton.

79. nariz	*-siri ⁵¹	-siri	-siri	-	-sere-ki	-siri-ki
80. ninho	*-moko ⁵²	-maka-hi	-moko-hi	-muku-hi	-	ʃira-mok
81. noite	*joti ⁵³	jati	joti	juti	-	*joti-ʔe
82. nuvem	*iko ⁵⁴	uka-hi	uko-hi	iku ‘chuva’	iko ‘chover’	-
83. olho	*-βiki ⁵⁵	-uki- {ʔa}	-uç- {ʔa}	-bike	*-βiki-s(e)	-iki-se
84. onça	*iʃʃini ⁵⁶	iʃʃini	ʔʃʃini	isini	iʃʃene	iʃʃini
85. orelha	*-ʃoka ⁵⁷	-ʃaka-pe	-ʃoka	-ʃuka	-	-ʃok
86. osso	*-(n)ope ⁵⁸	ij-ape	ʔj-ope-çi	e-upe	*e-nope	*e-nope
87. ouvir	*-samo- ⁵⁹	-sama-	-samo-	-samu-	-	*-samo-
88. pai	*-ija	-ija	-ija	-ia	-	iaʔ
89. palmeira bacuri)	*koʃʃi	kaʃʃi	koʃʃ-no	-	koʃʃi	koʃʃ
90. pato	*pohi ⁶⁰	u-pahi	ʔ-pohi	u-puhi	i-pohi	ʔ-pohi
91. pato roncador	*βonono	βanana	βnono	-	-	wonon
92. peixe	*himo ⁶¹	hima	himo	himu	ʔimo	*himo
93. pele	*-(ʃ)uma ⁶²	-uma-ma	-um-mo	-	i-tioma	*-ʃoma
94. pequeno	*-ʃepi ⁶³	*-iʃepi-ʃu	*-ʔ-ʃeʔ-ʃu	-ʃepi-ti	-	-t-iʃepi
95. pescoço	*-pike-(ni) ⁶⁴	-pike-nu	-piçe-nu	*-pike-ni	-	*-pihe
96. pessoa	*oʃʃane ⁶⁵	aʃʃane	ʔʃʃane	uʃʃane	oʃʃane ‘homem’	*oʃʃane

⁵¹ Há lexicalização de PBAP *-ki ‘CLS.cilindrico.duro’ em PBAP *-siri-ki. PBAM *-siri-ki > JOA -siri-ki, BAU -siri-ki.

⁵² Há lexicalização de PMOP *-hi ‘CLS.porção’ em PMOP *moko-hi. O segmento ʃira- em BAU trata-se de ‘ovo’.

⁵³ PBAM *joti-ʔe (PBAM *-ʔe era provavelmente um classificador) > MUX jotei ‘id.’ (por metátese), PBAU *joti-ʔe > BAU jotoeʔ (por ass. prog. do traço [+arred] e metátese de /ʔ/).

⁵⁴ Houve lexicalização de PMOP *-hi ‘CLS.porção’ em PMOP *uko-hi.

⁵⁵ PMOP *-βiki > PMOX *-uki-ʔa (por aférese e lexicalização de PMOX *-ʔa ‘CLS.?’). Houve lexicalização de PBAP *-se ‘CLS.esferoidal.maciço’ em PBAP *-βiki-se. PBAP *-βiki-se > PAI -βiki-s (por apócope), PBAM *-iki-se (por aférese) > BAU -ikise (tb. atestado: -kis), MUX -ikise, JOA (o)-kise.

⁵⁶ PBAM *iʃʃini ‘onça’ > MUX iʃʃini, JOA ʃini, BAU iʃʃini/ʃin.

⁵⁷ IGN -ʃaka-pe apresenta lexicalização -pe ‘CLS.oblongo/laminar’ (< PMGU *-pe ‘id.’).

⁵⁸ TRI contém uma lexicalização de -çi ‘CLS.lenhoso’ (< PMGU *-ki ‘id.’). PBAP *e-nope ‘osso’ > PAI βe-nope-na (< PPAI *e-nope), PBAM *e-nope > MUX i-nope, PBAU *e-nope, BAU nop/e-nopen.

⁵⁹ PBAU *-samo- > BAU -som- (por ass. regr. do traço [+arred] seguida de apócope).

⁶⁰ PBAM *pohi ‘pato’ > MUX poði, BAU ʔpohi, JOA pahí.

⁶¹ PBAM *himo ‘peixe’ > MUX ðimo, JOA himo, PBAU *himo > BAU him (por apócope).

⁶² PBAP *-ʃoma ‘pele’ > PAI i-tioma, PBAM *-ʃoma > MUX i-ʃom, PBAU *-ʃoma > BAU -ʃom/i-ʃoma-n.

⁶³ PIGN *iʃepi-ʃu > IGN iʃipi-ʃu, PTRI *ʔʃeʔ-ʃu > TRI ʔʃiʔ-ʃu (por ass. do traço [+cor] em /e/).

⁶⁴ PPAU *-pike-ni > PAU -pii-ni (por síncope de /k/ e ass. regr. do traço [-ant] em /e/). PBAU *-pihe > BAU -pihi/-píh.

⁶⁵ BAP *oʃʃane > PBAU *oʃʃone (por ass. prog. do traço [+arred]) > BAU ʃfonoe (por reverberação prog. do traço [+arred] de /o/ e aférese).

LIAMES 16(1)

97. pimenta	*ʃeti ⁶⁶	i-ʃeti	?-ʃeti	u-ʃeti	*e-ʃeti	*ʃeti
98. piolho	*-ine ⁶⁷	-iʃne	-iʃne	-ine	-	*-ine
99. piranha	*urimɔ ⁶⁸	uruma	?rumo	*imu	orimo	orima
100. porco	*tsimɔ-ri ⁶⁹	tsimaru	*tsmoru	-	simori	simori
101. pulmão	*-haha	-haha	-haha	-	-	-hah
102. queimado	*-hi-	-i-hu-	-i-hu-	i-hi-e-	-	-him(o)-
103. rabo	*-ihi-ki ⁷⁰	-ihi-ki	-ih-çi	*-ihi	-	-ihi-s
104. raposa	*ʃiʃe ⁷¹	ʃuʃe	ʃuʃe	-	ʃiʃe	ʃiʃe?
105. rato	*kotsɔ ⁷²	katsa	kotsɔ	kusu	*koso	MUX kosio
106. responder	*-kopo-	-hi-kapa-	-hi-kpo-	ha-kup-	-	-kopo-nia
107. roedor	*majuko ⁷³	majuka 'preá'	mjuko 'coelho'	-	*maʃoko 'preá'	majak 'preá'
108. rosto	*-mirɔ ⁷⁴	-mira	-miro	-miu-iike	-{mi}miro	-mira
109. saber	*-ʃo- ⁷⁵	-eʃa-	-eʃo- 'lembrar'	*-eʃu-na-	-	-ʃo-
110. sangue	*-iti ⁷⁶	iti	iti	-iti	-	-iti
111. sobrinho/a	*-ʃe-(hi)	-ʃe-hi	-ʃe-ra	-	-	-ʃi-h
112. sogra	*-mose	-i-mase	-i-mse	-muse	-	-mos
113. sogro	*-moʃiuko	-i-maʃuka	-i-mʃuko	-	-	-moʃok
114. tartaruga	*kipi ⁷⁷	sipu	sipu	kipi	sipi{-ra}	{ko-}sip(o)
115. terminar	*-ito-	-ita-	-ito-	-	-	-eto-
116. terra	*motse ⁷⁸	mate-hi	mote-hi	mute-hi	mose	*mose

⁶⁶ PBAP *e-ʃeti > PPAI *e-ʃeti > PAI e-heti (por debulização de /ʃ/); PBAP *e-ʃeti > PBAM *e-jeti (por lenição de /ʃ/) > MUX jeti, JOA jati, PBAU *jeti > BAU jiti (por ass. do traço [+cor] em /e/).

⁶⁷ proto-PMOX *-ine > PMOX *-iʃne; PBAU *-ine > BAU -ine/-in (a forma BAU n-ine é atestada em d'Orbigny (1879)).

⁶⁸ PPAU *imu 'piranha' > PAU imu; PBAP *orimɔ 'piranha' > PAI orimo 'dourado', PBAM *orimɔ 'piranha' > MUX olimo, BAU orima/rim.

⁶⁹ PTRI *tsmoru > TRI smoru (por lenição de /ts/). PBAM *simori > MUX simori, JOA smoli, BAU simori.

⁷⁰ Houve lexicalização de PMOX *-ki 'CLS.cilindrico.duro' em PMOX *-ihi-ki 'rabo' e de PBAU *-si 'CLS.cilindrico.duro' em PBAU *-ihi-si. PPAU *-ihi > PAU -isi (por ass. do traço [+cor] em /h/).

⁷¹ Proto-PBAP *ʃiʃe > PBAP *ʃiʃe (por debulização de /j/) > PBAU *ʃiʃe > BAU ʃiʃe? (por metátese de /ʃ/ e geminação de i: */ʃi.eʔ/ → /ʃi.jeʔ/).

⁷² PPAI *koso > PAI kosa.

⁷³ PPAI *maʃuku > miuhu 'preá' (por lenição de /ʃ/ e /k/ e síncope de /a/).

⁷⁴ PBAM *i-mirɔ > MUX i-miro, BAU i-mira/-mir.

⁷⁵ PPAU *eʃu-na > PAU iʃu-na (por ass. regr. do traço [+cor]).

⁷⁶ PBAM *-iti 'sangue' > MUX -iti, JOA -iti, BAU -iti.

⁷⁷ BAU ko-sip(o) apresenta lexicalização do prefixo BAU ko-'ATRIB', sendo uma extensão semântica do termo concha.

⁷⁸ Proto-PMOP *motse > PMOP *mote (por perda do traço [+sib]). Houve lexicalização de PMOP *-hi 'CLS.porção' em PMOP *mote-hi. PAU mute-pa 'terra' contém o sufixo PAU -pa 'CLS.pó/mente'. PBAP *mose 'terra' > PAI mose 'terra, areia', PBAM *mose 'solo' > PBAU *mose 'solo' > BAU mose-wok 'campo' (cf. tb.: BAU -mot 'CLS.planta').

117. tia	*-aka	-aka 'tia avó'	-	-	-	-aka
118. tio	*-kiko ⁷⁹	-e-kuka	-	-kiku	-	-kik
119. tomar banho	*-koβo- ⁸⁰	-kaβa-	-koβo-	-kub-	-	-kowo- {jo-}
120. trazer	*-ɔpɔ-	-n-apa-na-		-upu-n-	-	-apa-
121. três	*mopo- ⁸¹	mapa-	mopo-na	-	-	mpo-na
122. urucum	*nire	i-nire	?-nire	-	-	nir
123. veado	*kɔhɔβɔ ⁸²	kahaβa	khoβo	kusubu	kohoβo	kahaw
124. veado	*mukɔ	muka	muko			moka
125. velho	*-ɬɔ, *-ɬo	i-ɬa-si	?-ɬo-si	-ɬu-bui	e-ɬo	-
126. veneno	*mɔti	-mati	?-moti	-	-	mati
127. ver	*-imoʔɔ-	-ima-ʔa-	-im-ʔo-	-mu-	-ʔimo-ʔa-	-
128. vespa	*hane ⁸³	hane	hane	hane	-	hane
129. voar	*-ɔro-	-ara-	-oro-	-	-	-aro-

Todas as bases lexicais do PMGU são formadas por um único tema, o qual é essencialmente composto por uma raiz, mas que pode apresentar a lexicalização de morfemas derivacionais. Neste sentido, para o objetivo deste estudo, a reconstrução de boa parte dos classificadores e de alguns morfemas derivacionais foi de central importância na compreensão dos processos de lexicalização dos temas no decurso evolutivo das línguas avaliadas desde o PMGU. É sobre estes temas lexicais que todos os morfemas flexionais são aplicados.

A base nominal é formada essencialmente de tema nominal (núcleo ou raiz nominal ± classificador) e pode conter sufixos derivacionais (nominalizadores, absolutivizador/relativizador de posse, qualitativos e quantitativos); a base verbal é formada essencialmente de tema verbal (núcleo ou raiz verbal ± classificador ± incorporação (verbal, nominal, adverbial) ± aplicativo ± sufixo temático) e pode conter prefixos (atributivo, privativo, causativo) e sufixos (infinitivo, médio-passivo) derivacionais. A flexão ocorre a partir da prefixação ou sufixação na base lexical. Os prefixos flexionais da base nominal são fundamentalmente os pronomes possessivos, enquanto que seus sufixos flexionais são marcadores de número, aspecto e adverbiais. O sistema flexional da base verbal é mais complexo: os prefixos flexionais reconstruídos para o PMGU constituem-se de morfemas pronominais marcadores dos casos argumentais A/S; os sufixos flexionais reconstruídos correspondem a (i) irrealis, (ii) morfemas pronominais marcadores dos casos argumentais O/S, (iii) reflexivo, (iv) marcadores aspectuais, (v) adverbiais e (vi) evidenciais. Uma avaliação detalhada destes aspectos é apresentada em Jolkesky (por vir). Tendo em vista a estrutura do tema lexical, os morfemas gramaticais presentemente reconstruídos para o PMOP estão expostos nas tabelas 8 a 10.

⁷⁹ PBAM *kiko 'tio' > MUX kiko, JOA kiko, PBAU *kiko > BAU kik.

⁸⁰ O termo BAU -kowo-jo-ɬ- significa 'dar banho'.

⁸¹ TRI e BAU contêm o sufixo derivado de PMGU *-na 'CLS.genérico'.

⁸² PBAM *kɔhɔβɔ 'veado' > MUX kodovo, JOA kowo, BAU kahaw.

⁸³ PBAP *hane 'vespa' > PAI ano, PBAM *hane > MUX ðane, JOA hane, BAU hane/han.

Tabela 8: Morfemas gramaticais do PMGU

	PMGU	IGN	TRI	PAU	BAU
atual	*-i-ʔi	-ʔi	-r-i-ʔi	-	-iʔi
causativo	*imo-	imi-	im-	im-	imo-
denominal atributivo	*ko-	ka-	ka-	ku-	ko-
denominal privativo	*mo-	ma-	ma-	-	mo-
descontínuo, caduco ⁸⁴	*-ini	-(i)ni	-ini	-ini	-in
exclusivo, limitativo	*-i-ʃʉ	(-r)-i-ʃʉ	(-r)-i-ʃʉ	-	-iʃ
forma independente	*-re	-re	-re	-e	-re
intensificador ⁸⁵	*-ne	(-r-i)-ne	(-r-i)-ne	-	*-ne
irrealis	*-a	a-, -a	a-, -a	a-, -a	-a
médio-passivo	*-si	-(ka)-si	-si	-	-si
nominalizador 1 ⁸⁶	*-ri, *-re	-ru, -re	-ru, -re	-e	-ri
nominalizador 2 ⁸⁷	*-βo	-va	-vo	-bu	-wo
perfectivo	*-po	-pa	-po	-pu	-po
prospectivo	*-jo	-ja(-re)	-jo(-re)	-ju ‘intencional’	-jo ‘incompletivo’
reflexivo	*-βo	-va	-vo	-bu	-wo
reportativo	*-hi	-hi	-i-hi	-hi	-hi
tema verbal 1	*-ko	-ka	-ko	-ku	-ko ‘absolutivo’
tema verbal 2	*-ʃʉ	-ʃʉa	-ʃʉ	-ʃʉ ‘aplicativo’	-ʃʉ ‘aplicativo’
transitivizador	*ko-	-	ko-	ku-	ko-

A tabela 9 lista especificamente os classificadores que puderam ser reconstruídos para o PMGU. Muitas instâncias de lexicalização de classificadores em bases nominais puderam ser observadas no léxico do PMGU assim como de diferentes estágios de sua evolução: há lexicalizações cristalizadas em PMGU, PMOP, PBAP, PMOX, PBAM; há também aquelas encontradas somente em uma das línguas do subgrupo em questão, comprovando que este processo vem se desencadeando desde a gênese do PMGU até os seus desdobramentos atuais. As lexicalizações observadas em qualquer destes estágios para os termos presentes na tabela 7 foram circunstanciadas em notas de rodapé.

⁸⁴ Em BAU o sufixo -in passou a ser usado para se referir a parentes mortos (Danielsen 2007:115).

⁸⁵ IGN -(ri)ne intensificador (Olza Zubiri *et alii* 2004:388). Danielsen (2007:377) aponta que o morfema -niʃ ‘exclamativo’ (variações alomórficas: -iʃ ∞ -ʃ) seria provavelmente complexo. A autora acredita que este morfema possa estar associado com o sufixo -ʃ que coocorre com o numeral po- ‘um’ (id.:159). Partindo desta correlação, pode-se hipotetizar que o morfema -niʃ tenha sido historicamente uma composição de dois morfemas: PBAU *-ni ‘exclamativo’ com PBAU *-iʃ(V) ‘exclusivo’, este cognato do PMOX *-(r)-i-ʃʉ ‘exclusivo’.

⁸⁶ Este é um nominalizador muito recorrente em processos de lexicalização nas bases nominais do PMGU, do PMOP e do PBAP.

⁸⁷ Este é um nominalizador situacional (i.e., da situação existente) ou modal.

Tabela 9: Classificadores do PMGU

	PMGU	IGN	TRI	PAU	BAU
CLS.ave/bico	*-ʔi	-ʔi	-ʔi	-	-i
CLS.cilíndrico.duro	*-ki	-ki	-çi	-ke	-si
CLS.cilíndrico.flexível	*-pi	-pi	-pi	-pi	-pi
CLS.cobertura	*-mo	-ma	-mo	-	-mo
CLS.esferoidal.oco	*-ki	-ku	-ku	-ki	-ki
CLS.esferoidal.maciço	*-si	-si	-si	-	-se ‘ovoide’
CLS.fruta.redonda	*-ʔi	-ʔi	-ʔi	-	-i
CLS.genérico	*-no	-na	-na	-	-no ‘humano’
CLS.inseto	*-si	-si	-si	-	-si
CLS.mamífero/membro	*-ʔɔ	-ʔa	-ʔo	-	-a ‘animal’
CLS.oblongo/arredondado	*-ʔe	-ʔe	-ʔe	-	-e
CLS.oblongo/laminar	*-pe	-pe	-pe	-	-(m)pe
CLS.peixe/inseto	*-po	-pa	-po	-	-po
CLS.plano.perpendicular	*-ʃe	-ʃe	-ʃe	-	-ʃe
CLS.pó/semente	*-pa	-pa	-pa	-pa	-pa
CLS.porção	*-hi	-hi	-hi	-hi	-hi
CLS.tablóide	*-pa	-pa	-pa	-	-pa

Os pronomes do PMGU fazem distinção de referência dêitica de pessoa e número. Três séries pronominais puderam ser reconstruídas: independente, prefixal e sufixal (tabela 10). A série prefixal era utilizada para indicar possessivos em nomes e sujeitos em verbos ativos. A série sufixal provavelmente tinha a função de indicar (i) objetos em verbos ativos, (ii) o sujeito em verbos estativos e (iii) o sujeito em orações com nomes e adjetivos usados como predicativos.

Tabela 10: Pronomes e afixos pronominais do PMGU

	PMGU			IGN			TRI			PAU			BAU		
1.s	*niti	*n(i)-	*-ni	nuti	n(u)-	-nu	nuti	n-	-n(u)	niti	n(i)-	-nu	nti?	ni-	-ni
2.s	*piti	*p(i)-	*-pi	piti	pi-	-βi	piti	p(i)-	-pi, -βi	piti	p(i)-	-pi, -bi	piti?	pi-	-pi
1.P	*βiti	*β(i)-	*-βi	βiti	βi-	-ʔaβi	βiti	β(i)-	-ʔoβi	biti	b(i)-	-bi	viti?	vi-	-vi
2.P	*jeti	*je-	*je-	eti	e-	-ʔe	eti	-	-ʔe	eti	e(t)-	-e	jiti?	ji-	-ji
3.P	*enoti	*eno-	*-no	ena	na-	-(a)na	eno	no-	-	-	-	-nube	noti?	no-	-no

4. PMGU: Inovações detectadas no seu decurso evolutivo e classificação interna do subgrupo mamoré-guaporé

A análise dos dados da tabela 7 demonstram que teriam ocorrido em PMGU alguns processos de lexicalização por incorporação de PMGU *-re ‘INDEP’, *-re ‘NMZ’ ou *-ri ‘NMZ’: *mokuβi-re ‘abóbora’, *kəhə-re ‘algodão’ *kirike-re ‘amendoim’, *kitu-re ‘bicho-de-pé’, *koŋu-re ‘carão’, *iti-re ‘enguia’, *kotsi-ri ‘formiga’, *moto-ri ‘cupim’, *tsimo-ri ‘porco’. Tais ocorrências estão fundamentalmente presentes no léxico relacionado à flora e à fauna.⁸⁸

A análise dos processos diacrônicos apresentada neste artigo também confirma a sugestão de Danielsen & Terhart (2014: 225) de que o PAU e o PAI não formam um subgrupo a parte e de que estariam geneticamente mais próximos respectivamente dos subgrupos MOX e BAU.⁸⁹ Tendo isto em vista, o PMGU teria originado duas proto-línguas filhas: proto-moxeno-paunáka (PMOP) e proto-bauré-paikonéka (PBAP). Sobre o fato do subgrupo mamoré-guaporé estar subdividido nos ramos moxeno-paunáka (MOP) e bauré-paikonéka (BAP), existem evidências fonológicas, morfológicas e lexicais. Algumas evidências lexicais estão expostas na tabela 11.

Tabela 11: Formas não cognatas entre MOP e BAP

	IGN	TRI	PAU	PAI	BAU	JOA	MUX
‘pedra’	mari	mari	mai	kohi	kohi?	kahi	kahe
‘sol’	saŋe	saŋe	saŋe	isese	ses	sese	sese
‘deitar’	-iwe-ka	-iwi-ko-	bei-k-	ijnok-o	-inok-	-	-
‘flor’	-hiwu	-oh-ʔu	hibi	e-tumumu	-ʃomomoe?	-ʃimumui	-ʃomomoin
‘tabaco’	saβare	saβare	sabae	soni	soni	-	seni
‘tatu’	mata	moto	mutu	kopire	kopir	-	kapirena
‘vermelho’	titsi	titsi	tisi	musereko	moser	serkana	osereina

Nas subseções 4.1. e 4.2. a seguir serão apresentados os processos diacrônicos que diagnosticam respectivamente a emergência de PBAP e PMOP e seus descendentes. A subseção 4.3. tratará especificamente de uma análise contrastiva entre IGN e TRI.

4.1. PBAP e seus descendentes

A emergência do PBAP a partir do PMGU se observa nos dados analisados via processos de fonologia e lexicologia diacrônicas. Os seguintes processos de fonologia diacrônica são evidências que definem a emergência do PBAP a partir do PMGU:

⁸⁸ Danielsen (2007:190-191) observou a existência de diversos nomes do BAU que foram derivados no passado pelo sufixo nominalizador -ri (cognato de IGN/TRI -ru ∞ -re). Segundo esta autora, este sufixo deve ter sido bastante produtivo no passado, embora não seja atualmente.

⁸⁹ Os poucos casos de semelhanças lexicais mais fortes entre PAU e PAI podem ser explicados em função de contato, seja pelo convívio em áreas contíguas, seja durante as reduções jesuíticas de Concepción.

- dissolução do proto-fonema PMGU */ts/ em PBAP em virtude da ocorrência de realizações contextuais vinculadas a processos de *merge*: com base nos dados avaliados, PMGU */ts/ teria contextualmente sido realizado em PBAP da seguinte forma: (i) / [+ant]._e > PBAP */t/; (ii) /._i > PBAP */ʃ/; (iii) /nda > PBAP */s/; tais realizações eram originalmente atribuídas a outros três proto-fonemas presentes em PMGU, que continuaram existindo em PBAP (*/t/, */ʃ/, */s/).
- fusão de PMGU */i/ e */i/ em PBAP */i/: PMGU *ine ‘água’ > PBAP *ine ‘id.’; PMGU *ani ‘céu’ > PBAP *ani ‘id.’; PMGU *jɔkiki ‘madeira’ > *PBAP jɔkise ‘id.’; PMGU *kotsiri ‘formiga’ > *PBAP koʃiri ‘id.’.
- fusão de PMGU */o/ e */u/ em PBAP */o/: PMGU *mokuβire ‘abóbora’ > PBAP *mokoβire ‘id.’; PMGU *urimɔ ‘piranha’ > PBAP *orimɔ ‘id.’.

Também foram detectados em PBAP processos de lexicalização a partir da reanálise de sufixos como parte de raízes do PMGU; tais sufixos eram o marcador de forma independente ou classificadores, como apontam os exemplos a seguir:

- lexicalização por incorporação de PBAP *-re ‘INDEP’: PMGU *ijo ‘macaco’ > PBAP *ijore ‘id.’; PMGU *βite ‘morcego’ > PBAP *βitere ‘id.’; PMGU *kipɔ ‘ema’ > PBAP *sipɔre ‘id.’.
- lexicalização por incorporação de classificadores: PMGU *siri ‘nariz’ + PMGU *-ki ‘CLS. cilíndrico.duro’ > PBAP *siriki ‘nariz’; PMGU *βiki ‘olho’ + PMGU *-se ‘CLS.esferoidal.maciço’ > PBAP *βikise ‘olho’; PMGU *pe ‘CLS.oblongo/laminar’ + PMGU *nene ‘língua’ > PBAP *penene ‘língua’.

A emergência do BAU e PAI a partir do PBAP se observa nos dados analisados principalmente pela cristalização de processos fonológicos:

Em PAI:

- fusão de PBAP */j/ e */ʃ/ em PAI /ʃ/: PMGU *-jono- ‘ir’ > PBAP *-jono- ‘id.’ > PAI -ʃono- ‘id.’; PMGU *ijo ‘macaco’ > PBAP *ijore ‘id.’ > PAI iʃore ‘id.’.
- fusão de PBAP */o/ e */ɔ/ em PAI /o/: PMGU *urimɔ ‘piranha’ > PBAP *orimɔ ‘id.’ > PAI orimo ‘id.’; PMGU *-ijɔ- ‘chorar’ > PBAP *jɔ ‘id.’ > PAI ʃɔ ‘id.’; PMGU *-mirɔ ‘rosto’ > PBAP *-mirɔ ‘id.’ > PAI miro ‘id.’.⁹⁰

Em BAU:

- emergência de BAU /ʃ/: realizações contextuais de PMGU */ts/ (/._i) e */ʃ/ (/._i, ._e) como */ʃ/ em PBAM teriam sido processos associados com a emergência do fonema BAU /ʃ/; outro processo que contribuiu para isto foi a ocorrência de metaplasmos: PMGU *-ʃeni ‘teta’ > BAU ʃon ‘id.’, PMGU *-moʃɨiuko ‘sogro’ > PBAU *moʃɨioko ‘id.’ > BAU moʃok ‘id.’.⁹¹

⁹⁰ No *corpus* aparece uma exceção: PMGU *-akɔ- ‘cantar’ > PBAP *-akɔ- ‘id.’ > PAI *-aka- ‘id.’.

⁹¹ É interessante notar que alguns contextos de BAU /ʃ/ remetem ao proto-arawák */t/ de Payne (1991:437): BAU ʃono-ki ‘caminho’ (<PARW *ahtini ‘id.’), BAU ʃon ‘teta’ (<PARW *teni ‘id.’)

- emergência de BAU /w/: PBAM */β/ passou a ser realizado em como *[w] (excetuado o contexto ‘/_i’, onde sua realização permaneceu *[β]); a emergência da distinção fonológica /w:/β/ em BAU teria se dado por inovações lexicais, como metaplasmos (IGN -epijara ‘mentir’, BAU -vepia ‘id.’) e empréstimos oriundos do espanhol (ex.: BAU βas ‘vaso’, BAU βes ‘ovelha’, BAU βotel ‘garrafa’).
- fusão de PBAM */ɔ/ e */a/ em BAU */a/: PBAM *kɔhɔβɔ ‘veado’ > MUX kodovo, BAU kahaw; PBAM *i-mirɔ ‘rosto’ > MUX i-miro, BAU i-mira.

4.2. PMOP, PMOX e PAU

Igualmente como no caso de PBAP, a emergência do PMOP a partir do PMGU se observa nos dados analisados também via processos de fonologia e lexicologia diacrônicas. Segundo os dados apontam, o sistema fonológico do PMOP teria sido mais conservador se comparado com o do PBAP. A única evolução observada é a fusão de PMGU */o/ e */ɔ/ em PMOP */o/: PMGU *kɔhɔre ‘algodão’ > PMOP kohore ‘id.’; PMGU *ɔ ‘arco-íris’ > PMOP *o ‘id.’; PMGU *-ɔʃiko ‘avô’ > PMOP * oʃiko ‘id.’.

Também há no *corpus* analisado recorrência em PMOP de processos de lexicalização a partir da reanálise de classificadores como parte de raízes PMGU: PMGU *ani ‘céu’ + PMGU *-mo ‘CLS.cobertura’ > PMOP *animo ‘céu’; PMGU *moko ‘ninho’ + PMGU *-hi ‘CLS.porção’ > PMOP *mokohi ‘ninho’; PMGU *iko ‘nuvem’ + PMGU *-hi ‘CLS.porção’ > PMOP *ikohi ‘nuvem’; PMGU *motse ‘terra’ + PMGU *-hi ‘CLS.porção’ > PMOP *motehi ‘terra’.

A análise dos processos diacrônicos também revelou que o PMOP teria originado duas proto-línguas filhas: PMOX e PPAU. Os dados apontam que PMOX é bastante conservador com relação a PMOP, pois PMOX praticamente manteve o sistema fonológico de PMOP: a única transformação foi a fusão dos proto-fonemas PMOP */i/ e */u/ em PMOX */u/: PMOP *moto-ri ‘cupim’ > PMOX *motoru ‘id.’; PMOP *animo ‘céu’ > PMOX *anumo; PMOP *kotsiri ‘formiga’ > PMOX *kotsiru ‘id.’; PMOP *kiha ‘mandioca’ > PMOX *kuha ‘id.’. Pode-se prever também que os fonemas PMOX */k/ e */ʃ/ já apresentavam as seguintes realizações contextuais: no contexto ‘/_i’ */k/ se realizava como *[s] e */ts/ como *[ʃ].

Além disto, se observam nos dados analisados algumas ocorrências de processos de lexicalização e metaplasmos: PMOP *βiki ‘olho’ > PMOX *ukiʔa (por afêrese e lexicalização de PMOX *-ʔa ‘CLS.?’); PMOP *peri ‘cutia’ > PMOX *peʔi ‘id.’ (por debucalização de /r/); PMOP *-po- ‘folha’ > PMOX *pokohi ‘id.’ (por lexicalização de PMOX *-ko ‘?’ e PMOX *-hi ‘CLS.porção’). Processos de lexicalização ocorridos em PMOX por incorporação dos sufixos PMOX *-ru/*-re ‘NMZ’ ou PMOX *-re ‘INDEP’ incluem: PMOX *ima-ru ‘broto’, PMOX *ʃuti-re ‘crânio’, PMOX *kakiu-re ‘lago’, PMOX *itia-re ‘onça’, PMOX *ʃina-re ‘relâmpago’, PMOX saβa-re ‘tabaco’.

O sistema fonológico de PAU, por outro lado, inovou mais. As seguintes alterações foram observadas:

- fortificação de PMOP */β/ em PAU */b/: PMOP *-koβiʔo ‘bêbado’ > PAU kubiu ‘id.’.
- supressão de PMOP */ʔ/ em PAU: PMOP *βoʔi ‘mão’ > PAU bui ‘id.’.

- supressão de PMOP */t/ em PAU: PMOP *miro ‘rosto’ > PAU miu ‘id.’.
- fusão de PMOP */ts/ e */s/ em PAU */s/: PMOP *otse ‘avó’ > PAU use ‘id.’.
- fusão de PMOP */o/ e */u/ em PAU */u/: PMOP *-koβiʔo ‘bêbado’ > PAU kubiu ‘id.’.

Também se observam nos dados analisados ocorrências de metaplasmos: PMOP *poβo ‘asa’ > PPAU pubu ‘id.’ > PAU puu ‘id.’ (por lenição de /b/); PMOP *oʃiiko ‘avô’ > PPAU *uʃiiku ‘id.’ > PAU uʃiku ‘id.’ (por ass. do traço [+cor] em /i/); PMOP *nuki ‘boca’ > PPAU *nuki ‘id.’ > PAU niki ‘id.’ (por ass. regr. do traço [-arred]); PMOP *uʃi ‘capivara’ > PPAU *uʃi ‘id.’ > PAU iʃi ‘id.’ (por ass. regr. do traço [-arred]); PMOP *hiʔi ‘chifre’ > PPAU *hii ‘id.’ > PAU sii ‘id.’ (por ass. do traço [+cor] em /h/); PMOP *-eʃo- ‘saber’ > PPAU *eʃuna ‘id.’ (por incorporação de -na ‘?’) > PAU iʃuna ‘id.’ (por ass. regr. do traço [+cor] em /e/); PMOP *-pikeni ‘pescoço’ > PPAU *-pikeni ‘id.’ > PAU -piini ‘id.’ (por síncope de /k/ e ass. regr. do traço [-ant] em /e/).

4.3. IGN e TRI

A análise contrastiva de IGN e TRI revelou diversos processos diacrônicos peculiarmente sofridos por estas línguas a partir do PMOX, os quais serão tratados exclusivamente nesta seção. Estes dados apontam que o TRI praticamente conservou o mesmo sistema fonológico encontrado em PMOX: a presença do fonema /ɲ/ em TRI é rara e parece ter emergido em um período recente, provavelmente associado a contextos particulares de realização dos fonemas */n/ e */j/ do PTRI. Em IGN, por outro lado, houve uma inovação no sistema fonológico: a fusão dos proto-fonemas PMOX */a/ e */o/ em IGN /a/: PMOX *koto ‘rato’ > IGN katsa ‘id.’, PMOX *kohoβo ‘veado’ > IGN kahaβa ‘id.’. Além disto, se observa a emergência dos fonemas IGN /ʃ/ e /ɲ/: ambos são raros e devem ter emergido em um período recente, provavelmente associado a contextos particulares de realização dos fonemas */s/, */n/ e */j/ do PIGN. Há uma série de outras distinções observadas entre IGN e TRI.

Como observado na seção 1, o TRI apresenta um padrão silábico /(C)(C)V(C)/, bem mais complexo se comparado com o padrão /(C)V/ encontrado em IGN. Esta reconfiguração da sua estrutura silábica se deve provavelmente a uma mudança no padrão acentual e prosódico do TRI, que desencadeou processos de elisão vocálica em sílabas átonas, consequentemente passando a permitir ataque complexo e coda na estrutura silábica. Rose (2014: 69) apresenta a seguinte explicação:

Una hipótesis que explicaría casi todos los casos de elisión de vocales es que, en un estado más antiguo del idioma, un acento rítmico caía en cada segunda sílaba - es decir, en la segunda, en la cuarta, etc. - y que las vocales no acentuadas se perdieron con la excepción de la vocal de la última sílaba.

A tabela 12 lista alguns dados onde processos de elisão em TRI podem ser observados.

Tabela 12: Processos de elisão vocálica em TRI

	IGN	TRI		IGN	TRI
‘acender’	apahu <u>aka</u>	-pohko	‘floresta’	si <u>mena</u>	smeno
‘amigo’	em <u>unaka</u> sare	emnaksare	‘formiga’	ka <u>fi</u> ru	kfi <u>ru</u>
‘canoa’	pa <u>ku</u> re	pokre	‘sogro’	ima <u>fu</u> ka	im <u>fu</u> ko
‘canoa’	ita <u>u</u> fa <u>β</u> a	itu <u>β</u> o	‘tomar banho’	ika <u>fa</u>	ik <u>fo</u>
‘coração’	sa <u>mu</u> re	samre	‘vassoura’	pi <u>ra</u> ki	pro <u>çi</u>

É importante ressaltar que exemplos presentes nesta tabela (‘canoa’, ‘coração’, ‘formiga’, ‘sogro’, ‘tomar banho’) contradizem as considerações de Rose (op.cit.) sobre o acento rítmico em TRI, que segundo esta autora cairia obrigatoriamente na segunda sílaba. Na realidade, os processos de elisão observados nesta língua são mais complexos e ainda carecem de um estudo detalhado. Processos de elisão, fusão e assimilação acabaram gerando uma distinção foneticamente motivada de peso silábico em TRI (cf.: Gordon 2002): sílabas leves apresentam rima *v* (realizada como [v]) ao passo que sílabas pesadas apresentam rimas *VC* (realizada como [VC]) ou *VV* (realizada como [v:]), esta última a partir de processo de ressilabificação (**v.v*/ → [VV]). Toda palavra em TRI termina em sílaba leve, o que demonstra que uma restrição prosódica no processo de elisão provavelmente tenha impedido a elisão de vogais da última sílaba.⁹²

A aparente existência de fonemas aspirados e glotalizados em TRI também resulta de elisão vocálica, pela geração de clusters contendo uma glotal contínua ou descontínua como segundo elemento. As tabelas 13 e 14 ilustram casos de formação de clusters em TRI contendo respectivamente /ʔ/ e /h/ como segundo elemento.

Tabela 13: Formação de clusters com /ʔ/ em TRI

	IGN	TRI		IGN	TRI
‘campo’	βa <u>ma</u> ʔi	βo <u>m</u> ʔi	‘olho’	uki <u>ʔ</u> a	u <u>ç</u> ʔa
‘chamar’	-i <u>fu</u> ʔa	-i <u>ʔ</u> o	‘ovo’	βa <u>ra</u> juʔa	βra <u>j</u> ʔa
‘corpo’	a <u>ke</u> ʔe	o <u>ç</u> ʔe	‘ver’	ima <u>ʔ</u> a	im <u>ʔ</u> o

Tabela 14: Formação de clusters com /h/ em TRI

	IGN	TRI		IGN	TRI
‘falar’	e <u>ʃ</u> hika	e <u>ʃ</u> hiko	‘muco’	-mu <u>ʃ</u> hi	-mu <u>ʃ</u> hi
‘fumaça’	ki <u>h</u> are	çho <u>re</u>	‘rio’	ka <u>h</u> akure	khok <u>re</u>
‘mamão’	apa <u>h</u> i	pop <u>h</u> i			

⁹² Contrastivamente, a elisão em sílaba final de palavra ocorreu profusamente em BAU.

Também ocorreram processos fonológicos diacrônicos em TRI de substituição da vogal em sílaba inicial do tipo V por uma oclusiva glotal (tabela 15).⁹³

Tabela 15: Substituição de vogal de sílabas iniciais do tipo V por /ʔ/ em TRI

	IGN	TRI		IGN	TRI
‘buraco’	enuruku	ʔnuuku	‘orvalho’	ijaru	ʔjoru
‘criança’	amaperu	ʔmoperu	‘pessoa’	aʔane	ʔʔane
‘homem’	aʔaira	ʔhiro	‘pimenta’	iʔeti	ʔʔeti
‘solo, chão’	apakeʔe	ʔpoçʔe	‘vagalume’	urikiʔa	ʔriçʔo

Outro processo diacrônico em TRI refere-se à elisão de róticos /r/ localizados entre vogais comumente idênticas. Em situações onde as vogais circum-róticas eram historicamente distintas, sua expressão fonética passou a equivaler nos casos de elisão a um único segmento longo por assimilação progressiva, pois costuma ser qualitativamente idêntico ao da primeira vogal.

Tabela 16: Elisão de /r/ entre vogais em TRI

	IGN	TRI		IGN	TRI
‘afogado’	erika	eeko	‘arco’	etsiparaku	etspooku
‘agulha’	parirapa	priipa	‘língua’	eʔahiriruʔa	eʔhiriʔo
‘alimento’	ʔferuhi	ʔfeehi	‘prato’	kuruha	kuuho
‘anzol’	eniraʔe	ʔniʔe	‘roupa’	muiʔa	muiʔo

O desenvolvimento histórico de algumas destas palavras está também associado a processos de assimilação subsequentes: PMOX *harairiki ‘estrela’ > PTRI *haraiiʔi (por elisão do segundo /r/ e assimilação do traço [+cor] de /i/ em /k/) > *haraeeʔi (por assimilação do traço [-cor] de /a/ em /ii/) > TRI hreeʔi (por elisão da vogal da sílaba inicial assim como da vogal inicial em sequência /VVV/); PMOX *kaereno ‘banana’ > PTRI *kaeeno (por elisão de /r/) TRI keeno (por elisão de vogal inicial em sequência /VVV/). Estes processos obviamente não são sincrônicos, pois não há contextos em que a elisão de /r/ seja reversível. Entretanto, a elisão de róticos intervocálicos não foi um processo histórico sistemático, dada a existência de palavras em TRI com a sequência /rV/ (tabela 17).

Tabela 17: Ausência de elisão de /r/ entre vogais em TRI

	IGN	TRI		IGN	TRI
‘bom’	uri	uri	‘lama’	tiurahi	tiurahi
‘ferida’	-hara	-hora	‘lutar’	eʔarareka	eʔroriko
‘garganta’	-erena	-ereno	‘nariz’	-siri	-siri
‘ladrao’	ameraʔi	-omeraʔi	‘pedra’	mari	mari

⁹³ Uma explicação diacrônica plausível para esta ‘substituição’ seria: (i) inserção fonética de [ʔ] diante de vogais em início de palavras, (ii) elisão prosodicamente motivada desta vogal e (iii) fonemização de [ʔ] ([ʔ] > /ʔ/).

Neste sentido, pode-se supor que a presença parcial do rótico em TRI esteja relacionada a questões prosódicas (relacionadas ao número de sílabas da palavra), morfológicas (relacionadas à afixação de morfema iniciado por /t/) e semânticas (onomatopeias).

Uma última questão fonética em TRI a ser tratada neste artigo é a fusão silábica com ditongação e subsequente palatização do ataque da primeira sílaba sempre que sua rima corresponder a uma vogal anterior e a sílaba seguinte corresponder a uma vogal heterorgânica (/Ce.v/ | v≠e → [cʲv]; /Ci.v/ | v≠i → [cʲv]). Um processo similar ocorre quando há elisão vocálica e o ataque da sílaba seguinte for a aproximante palatal (/CV.jv/ → [Cʲv]).

Tabela 18: Palatização em TRI

	IGN	TRI		IGN	TRI
‘lodo’	tiurahi	tʰurahi	‘suave’	-himuja	-himʷa
‘leite’	-ʃeneama	-ʃenʲomo	‘gritar’	-piaraka	-piʲoko
‘entrar’	-siapa	-siʲopo	‘pedir’	-jaseaka	-jʲosʲoko

Boa parte das palavras em TRI e IGN são bi- ou trissilábicas, havendo também vários polissílabos. Entretanto, ao segmentar as palavras, separando classificadores ou outros morfemas lexicalizados, observa-se um bom número de raízes monossilábicas. Muitos polissílabos são resultantes de duplicação da raiz ou de parte dela.

5. Considerações finais

O presente estudo pôde comprovar que o subgrupo mamoré-guaporé da família arawák apresenta a configuração interna esquematicamente representada na figura abaixo:

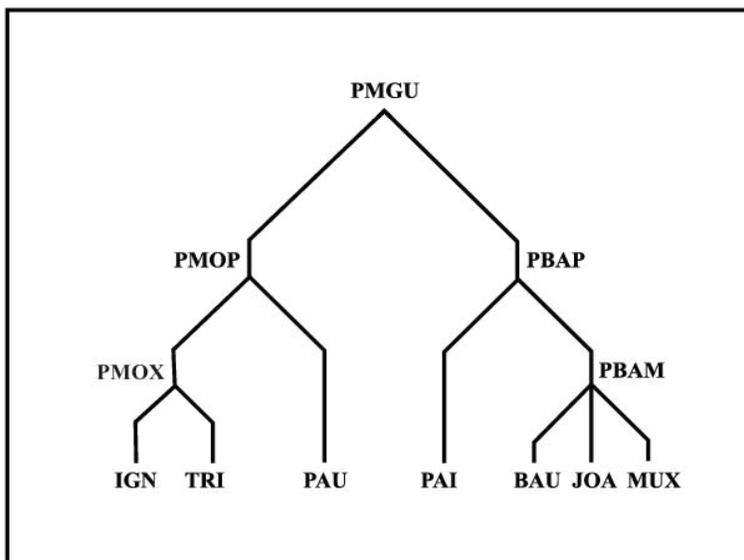


Figura: Configuração interna do subgrupo MGU (família arawák).

Anexo: Evolução dos fonemas do PMGU

mamoré-guaporé (arawak)									
PMGU	PMOP	moxo-paunaka				baure-paikoneka			
		PAU	moxo			PBAP	PAI	baure-muxojeóne	
			PMOX	IGN	TRI			PBAM	BAU
*p	*p	p	*p	p	p	*p	p	*p	p
*t	*t	t	*t	t	t	*t	t	*t	t
*ts	*ts	s	*ts	ts	ts	*t, *s, *tʃ	t, s, tʃ	*t, *s, *ʃ	t, s, ʃ
*tʃ	*tʃ	tʃ	*tʃ	tʃ	tʃ	*tʃ	tʃ	*tʃ, *ʃ	tʃ, ʃ
*k	*k	k	*k, *s	k, s	k, s	*k, *s	k, s	*k, *h, *s	k, h, s
*s	*s	s	*s	s	s, ʃ	*s	s	*s	s
*h	*h	h	*h	h	h	*h	h	*h	h
*m	*m	m	*m	m	m	*m	m	*m	m
*n	*n	n	*n, ɲ	n, ɲ	n, ɲ	*n	n	*n	n
*r	*r	∅	*r	r	r	*r	r	*r	r
*β	*β	b	*β	β	β	*β	β	*β	β, w
*j	*j	j	*j	j, ɲ	j, ɲ	*j	tʃ	*j	j
*ʔ	*ʔ	∅	*ʔ	ʔ	ʔ	*ʔ	ʔ	*ʔ	ʔ
*i	*i	i	*i	i	i	*i	i	*i	i
*i	*i	i	*u	u	u	*i	i	*i	i
*e	*e	e	*e	e	e	*e	e	*e	e
*a	*a	a	*a	a	a	*a	a	*a	a
*u	*u	u	*u	u	u	*o	o	*o	o
*o	*o	u	*o	a	o	*o	o	*o	o
*ɔ	*o	u	*o	a	o	*ɔ	o	*ɔ	a

Referências

- Adam, Lucien; Leclerc, Charles (1880[1749]). *Gramática de la lengua de los indios baures de la provincia de los Moxos*. Bibliothèque Linguistique Américaine, vol. VII. Paris: Librairie-Éditeur J. Maisonneuve.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (1999). The Arawak language family. In R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). *The amazonian languages*, pp. 65-106. Cambridge: Cambridge University Press.
- Baptista, Priscilla; Wallin, Ruth (1955-1956). *Lista de vocabulario con datos sobre diferencias dialectológicas entre Baures, El Carmen y San Joaquín*. Bolivia: Instituto Lingüístico de Verano.

- Campbell, Lyle (1997). *American Indian languages. The historical linguistics of Native America*. New York: Oxford University Press.
- Cardús, José (1886). *Las misiones franciscanas entre los infieles de Bolivia: situación del estado de ellas en 1883-1884*. Barcelona: Librería de la Inmaculada Concepción.
- Constenla-Umaña, Adolfo (2000). La restitución: un método lingüístico reconstructivo sincrónico. *Filología y Lingüística* 26(2): 161-180.
- Crevels, Mily; Muysken, Pieter (2009). Lenguas de Bolivia: presentación y antecedentes. In Mily Crevels; Pieter Muysken (eds.). *Lenguas de Bolivia*, vol. I: Ámbito andino, pp. 13-26. La Paz: Plural editores.
- Danielsen, Swintha (2007). *Baure: An Arawak language of Bolivia*. Indigenous languages of Latin America (ILLA), vol. 6. Leiden: CNWS.
- Danielsen, Swintha (2011). The personal paradigms in Baure and other South Arawakan languages. In Antoine Guillaume; Françoise Rose (eds.). *International Journal of American Linguistics* 77(4): 495-520.
- Danielsen, Swintha (2012). Afijos compuestos y su lexicalización en el baure (arawak). In Hebe A. González; Beatriz Gualdieri (eds.). *Lenguas indígenas de América del Sur*; vol I: Fonología y Léxico, pp. 151-171. Mendoza: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional de Cuyo; Sociedad Argentina de Lingüística.
- Danielsen, Swintha (2013). Evaluating historical data (wordlists) in the case of Bolivian extinct languages. In Astrid Alexander-Bakkerus; Otto Zwartjes (eds.). *Historical reconstruction of American languages*, pp. 272-298. STUF - Language Typology and Universals/ Sprachtypologie und Universalienforschung, 66(3). Bremen: Akademie Verlag.
- Danielsen, Swintha (s.d.a) *Léxico Joaquiniano*. Disponible em: <http://research.uni-leipzig.de/baureprojekt/JoaquinianoLexico/lexicon/main.htm>. Acceso em: 08/2014.
- Danielsen, Swintha (s.d.b). *Baure lexicon*. [manuscrito]
- Danielsen, Swintha; Terhart, Lena (2014). Paunaka. In Mily Crevels; Pieter Muysken (eds.). *Lenguas de Bolivia*, vol. III: Oriente, pp. 221-258. La Paz: Plural Editores.
- D'orbigny, Alcide Dessalines (1839). *L'homme américain (de l'Amérique Méridionale), considéré sous ses rapports physiologiques et moraux*, vol. 2. Strasbourg: Pitois-Levrault et C^e, Libraires-Éditeurs.
- D'orbigny, Alcide Dessalines (1879). *Idiomes des Indiens ou Naturels des Provinces de Chiquitos et Mojos*. [manuscrito]
- Gill, Wayne (1993[1970]). *Diccionario trinitario-castellano y castellano-trinitario*. Edición revisada. San Lorenzo de Mojos: Misión Evangélica Nuevas Tribus. [manuscrito]
- Goeje, Claudius Henricus de (1928). *The Arawak language of Guiana*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen.
- Gordon, Matthew (2002). A phonetically-driven account of syllable weight. *Language* 78(1): 51-80.
- Hirtzel, Vincent; Daillant, Isabelle (2012). Los arawak del Mamoré y su política al amanecer de las misiones jesuitas. *54th International Congress of Americanists, Symposium 'Arawakan linguistic and cultural identities'*. Austria: Universidad de Viena.
- INE (Instituto Nacional de Estadística) (2012). *Bolivia. Características de población y vivienda: Censo Nacional de Población y Vivienda 2012*.

Jolkjesky, Marcelo (por vir). *Morfologia lexical do proto-mamoré-guaporé (família arawák)*.

Jordá, Enrique (2014). Mojeño Ignaciano. In Mily Crevels; Pieter Muysken (eds.). *Lenguas de Bolivia*, vol. III: Oriente, pp. 21-58. La Paz: Plural Editores.

Kaufman, Terrence (1994). The native languages of South America. In Christopher Mosley; Ron Asher (eds.). *Atlas of the World's Languages*, pp. 46-76. London: Routledge.

Loukotka, Čestmír (1944[1942]). Klassifikation der sudamerikanischen Sprachen. *Zeitschrift für Ethnologie* 74: 1-69.

Loukotka, Čestmír (1968). *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: Latin American Studies Center, University of California.

Marbán, Pedro (1894[1701]). *Arte de la lengua moxa, con su vocabulario y cathecismo*. Leipzig: B. G. Teubner.

Mason, John Alden (1950). The languages of South America. In Julian Steward (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol 6, pp. 157-317. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin, 143. Washington: Government Printing Office.

Meirelles, Denise Maldí (1989). *Guardiãs da fronteira. Rio Guaporé, século XVIII*, Petrópolis: Vozes.

Métraux, Alfred (1942). *The native tribes of Eastern Bolivia and Western Mato Grosso*. Washington: Smithsonian Institution.

Métraux, Alfred (1963). The tribes of Mato Grosso and Eastern Bolivia. In Julian Steward (ed.). *Handbook of South America Indians*, vol. 3: The Tropical Forest Tribes, pp. 485-505. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin, 143. Washington: Smithsonian Institution.

Olza Zubiri, Jesús; Nuni de Chapi, Conchita; Tube, Juan (2004). *Gramática moja-ignaciana (morfosintaxis)*. Cochabamba: Editorial Verbo Divino.

Ott, Willis; Ott, Rebecca Burke de (1983). *Diccionario ignaciano y castellano, con apuntes gramaticales*. Cochabamba: Instituto Lingüístico de Verano.

Payne, David. (1991). A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In Desmond C. Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian languages*, vol. 3, pp. 355-499. Berlin: Mouton de Gruyter.

Ramirez, Henri (2001). *Línguas arawak da Amazônia Setentrional: Comparação e descrição*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.

Ramirez, Henri (2010). Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 2(2): 179-224.

Riester Jürgen; Zolezzi, Gabriela (1987). *Identidad cultural y lengua: La experiencia guaraní en Bolivia*. Santa Cruz: APCOB.

Rivet, Paul (1924). Langues américaines. In Antoine Meillet; Marcel Cohen (eds.). *Les Langues du monde*, pp. 597-712. Collection Linguistique, vol. 16. Paris: Champion.

Rose, Françoise (2014). Mojeño trinitario. In Mily Crevels; Pieter Muysken (eds.). *Lenguas de Bolivia*, vol. III: Oriente, pp. 59-98. La Paz: Plural Editores.

Schmidt, Wilhelm (1926). *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung.

Sichra, Inge (ed.) (2009). *Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas de América Latina*, Tomos I e II. Cochabamba: Unicef, Proneib Andes, AECID.

Terhart, Lena (s.d.). *Diccionario paunaka – castellano*. [manuscrito]

Villafañe, Lucrecia (2007). *Gramática paunaka (Aruak)*. Amsterdam. [manuscrito]

Recebido: 12/9/2015

Versão revista e corrigida: 5/4/2016

Aceito: 9/4/2016.